



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG
FACULDADE DE ARTES VISUAIS - FAV
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

MATHEUS MARTINS DA SILVA

DAS COISAS QUE AINDA NÃO SEI.

Percursos pessoais de formação em arte, ensino e pesquisa.

GOIÂNIA
2021

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Matheus Martins da Silva

Título do trabalho: DAS COISAS QUE AINDA NÃO SEI. Percursos pessoais de formação em arte, ensino e pesquisa.

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Matheus Martins da Silva

Assinatura(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as)

Ciente e de acordo:

Amali

Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 09 / 06 / 2021

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

MATHEUS MARTINS DA SILVA

DAS COISAS QUE AINDA NÃO SEI.

Percursos pessoais de formação em arte, ensino e pesquisa.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás como um dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alice Fátima Martins.

GOIÂNIA
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Matheus Martins da
DAS COISAS QUE AINDA NÃO SEI [manuscrito] : Percursos pessoais de formação em arte, ensino e pesquisa / Matheus Martins da Silva. - 2021.
LXVI, 66 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Alice Fátima Martins.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2021.

Bibliografia.
Inclui lista de figuras.

1. Arte. 2. Ensino. 3. Pesquisa. 4. Formação. I. Martins, Alice Fátima, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dois dias do mês de junho do ano de 2021 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “DAS COISAS QUE AINDA NÃO SEI. Percursos pessoais de formação em arte, ensino e pesquisa”, de autoria de **Matheus Martins da Silva**, do curso de LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Alice Fátima Martins (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos (FAV/UFG) e Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10 (dez) , tendo sido o TCC considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alice Fatima Martins, Professora do Magistério Superior**, em 07/06/2021, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 07/06/2021, às 20:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 09/06/2021, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2112056** e o código CRC **494A5541**.

AGRADECIMENTOS

De antemão, presto meus agradecimentos às pessoas que resolverem ler o que aqui escrevo. Quero agradecer a todas as outras pessoas que estão, de algum modo, representadas nesse texto e em todo meu processo de formação.

É óbvio que caso eu fosse agradecer as pessoas que me ajudaram a concluir essa etapa da vida eu agradeceria a várias pessoas. Entretanto, considero denominar pessoa por pessoa uma tarefa difícil: ficaria horas e horas fazendo isso, e possivelmente eu esqueceria de alguém. Trabalhando com o fato de que o meu Trabalho de Conclusão de Curso seja o fruto de uma ação que envolve muitas pessoas que acreditaram que isso fosse possível, vejo mais do que necessário agradecer a fé. Neste momento presto meus agradecimentos às pessoas que tiveram fé na concretização de um sonho, sonho que eu não sonhei sozinho.

Por todas as vezes que me fizeram acreditar que eu não podia desistir e pelos incentivos quando estava tudo bem. Por todos os momentos difíceis que passei durante esse período e pelos bons momentos. Pelas críticas que me engrandeceram. Pelos aprendizados. Pelo carinho e empatia que sempre recebi.

Sendo assim, quero carinhosamente dedicar meus agradecimentos a você que lendo ou não esse texto dedicou um pouco da sua fé e crença para que eu pudesse continuar. Sintam-se abraçados.

RESUMO

Esta pesquisa discute minha trajetória de formação no curso de licenciatura em artes visuais por meio de três eixos que tomaram parte importante do meu processo e que caminham de mãos dadas dentro do plano curricular do curso. São eles, a arte, o ensino e a pesquisa. Parto da experiência pessoal, primeiro, porque a discussão faz relação diretamente com meu percurso na graduação, segundo, por considerar a importância de relatar o impacto que a arte, o ensino e a pesquisa promovem na sociedade, diante do protagonismo que tais áreas apresentaram em minha formação profissional e humana. Para isso, uso os mecanismos da autobiografia, para que eu possa trazer aspectos subjetivos para dentro da discussão, e da artografia, para que eu possa relacionar os três eixos arte, ensino e pesquisa aliados às minhas experiências. Busco explorar a questão do meu desconhecimento, expondo *as coisas que ainda não sei* dentro dessas três frentes de construção de conhecimento, até porque considero a ignorância um combustível para o aprendizado, e proponho também o exercício de refletir *as coisas que ainda não sei* por conta de que nos foram veladas, sabendo que o Brasil foi um país colonizado por séculos.

Palavras Chave: Arte. Ensino. Pesquisa. Formação.

ABSTRACT

This research discusses my training trajectory in the visual arts degree course through three axes that played an important part in my process and that go hand in hand within the course's curricular plan. They are art, teaching and research. I start from personal experience, firstly, because the discussion is directly related to my undergraduate career, secondly, because I consider the importance of reporting the impact that art, teaching and research have on society, given the protagonism that these areas have in my professional and human training. To do this, I use the mechanisms of autobiography, so that I can bring subjective aspects into the discussion, and artography, so that I can relate the three axes of art, teaching and research combined with my experiences. I seek to explore the issue of my lack of knowledge, exposing the things I still don't know within these three fronts of knowledge construction, especially because I consider ignorance a fuel for learning, and I also propose the exercise of reflecting on the things I still don't know on my own. that they were veiled from us, knowing that Brazil was a colonized country for centuries.

Key words: Art. Teaching. Research. Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tabela de orçamento de investimentos destinados ao FNC de 2017 a 2020. Disponível em: < http://www.portaltransparencia.gov.br/orcamento/despesas >. Acesso: 28 abr 2021.....	20
Figura 2. Incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro, 2018. Foto: Ricardo Moraes/ Agência Reuters.	20
Figura 3. Marcos Chaves. Vai passar, 2019. Museu de Arte do Rio (MAR)	22
Figura 4. Tabela de orçamento de investimentos destinados ao FNDCT de 2017 a 2020. Disponível em: < http://www.portaltransparencia.gov.br/orcamento/despesas >. Acesso: 28 abr 2021.....	23
Figura 5. Elmo de respiração artificial, criado no Ceará. Idealizado por Marcelo Alcantara. Foto: Daniel Araujo/SESA-CE.	25
Figura 6. Tabela de orçamento de investimentos destinados ao FNDE de 2017 a 2020. Disponível em: < http://www.portaltransparencia.gov.br/orcamento/despesas >. Acesso: 28 abr. 2021.....	26
Figura 7. Faixa aberta em manifestação no Largo da Batata, na capital paulista, resumiu o movimento que chegou a ser chamado de "Tsunami da educação". Foto: Mídia Ninja.	27
Figura 8. Frente organizada para manifestação no dia 15 de maio de 2019, Praça Universitária, Goiânia. Foto: A Casa de Vidro	28
Figura 9. José Leonilson, O criador de casos, 1989. Tinta de caneta permanente e guache sobre papel. 17,2 x 8,7 cm. Fonte: site Projeto Leonilson	33
Figura 10. Matheus Martins, Esperança, 2016. Acrílica e nanquim sobre tela. 10 x 10 cm. Acervo pessoal.	38
Figura 11. Matheus Martins, Aquilo que nos benze. 2017. Bordado sobre camisa da seleção brasileira de futebol. Dimensões variáveis.	41
Figura 12. Matheus Martins, Tempo. 2017. Bordado e acrílica sobre algodão cru. 25x32cm.....	42
Figura 13. Matheus Martins, Perfume. 2017. Bordado e acrílica sobre algodão cru. 25x32cm.....	42
Figura 14. Matheus Martins, Preferências, prioridades. 2017. Bordado e acrílica sobre algodão cru. 25x32cm	42

Figura 15. Matheus Martins, Morte à paisana. 2018. Bordado sobre fronha. 59x78cm.....	43
Figura 16. Matheus Martins, Imagens da série Vazio no espaço-tempo:Partida e Espera. 2018. fotografia impressa. 21x29,7 e 29,7x21 cm.....	43
Figura 17. Matheus Martins, Licor e pinga com raiz. 2018. Acrílica sobre tela. 30x30cm.....	44
Figura 18. Matheus Martins, Espetinho e dose. 2018. Acrílica sobre tela. 30x30cm.	44
Figura 19. Matheus Martins, Feijoada sexta. 2018. Acrílica sobre tela. 30x30cm	44
Figura 20. Intervenção urbana lambe-lambe. Centro de Goiânia, 2019	45
Figura 21. Intervenção urbana stencil com o artista Renan Accioly. Centro de Goiânia, 2019.....	45
Figura 22. Participação na criação e elaboração da performance "Divisor" em homenagem a artista Lygia Pape. Congresso Nacional da UNE, Brasília, 2019	46
Figura 23. Matheus Martins, Do veneno à cura. 2019. Madeira, acrílica, garrafas, adesivos, rolhas, aguardente curtida em compostos naturais variados. Dimensões variáveis.....	46
Figura 24. Matheus Martins, Sem permissão para descanso. 2019. Madeira, acrílica, fita zebrada, algodão cru, bordado e pregos. 20x17cm.....	47
Figura 25. Matheus Martins, Me disseram que o segredo é estar bem vestido. 2019. Placas de poliestireno, adesivos, algodão cru, bordado e bastidor. 47x47cm	47
Figura 26. Matheus Martins, Ergui fortaleza para pequenas fortunas. 2019. Tijolo de barro, massa de cimento e cacos de vidro. 45x50x50cm	48
Figura 27. Matheus Martins, Díptico. E por mais que eu dê o sangue (decompor). 2019. Bandeira do brasil, bordado, madeira e acrílica. 64x160cm	48
Figura 28. Tabela do significado de artografia. (DIAS, 2014, p. 253)	59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O FARDOS QUE CARREGAMOS	15
2.1. As dificuldades das artes visuais no nosso país	18
2.2. As dificuldades da pesquisa no nosso país	23
2.3. As dificuldades da educação no nosso país	25
3. SEMPRE FUI SONHADOR E É ISSO QUE ME MANTÉM VIVO	29
3.1. O eu artista, educador e pesquisador.	33
3.2. O que posso com esses três instrumentos? Artografia e subversões.....	57
4. PELO DIREITO DE SONHAR.....	60
REFERÊNCIAS.....	64

1. INTRODUÇÃO

A partir do momento que penso em refletir sobre a minha experiência de formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG), reconheço a necessidade de retornar às memórias de anos atrás para buscar entender minhas motivações para algumas escolhas que agora me proporcionam finalizar mais um processo de formação e/ou uma etapa de vida.

Vamos lá!...

Toda a minha formação no ensino básico aconteceu em escola pública, especialmente na periferia de Goiânia. É importante citar este dado da territorialidade para pensarmos um pouco sobre as questões das desigualdades e das segregações sociais na sociedade brasileira, já que questões como essas geram grande influência no processo educativo.

Hoje me encaminho para concluir a graduação sabendo que, nesse percurso, se prezou por interesses na sensibilidade. E, grosso modo, o mais curioso disso tudo é que eu não aprendi a gostar disso na escola. Durante a minha infância eu estimava as atividades que envolviam criatividade, e tinha curiosidade nos fazeres manuais de qualquer natureza. Sempre tentei trazer para outros sentidos o que eu não expressava através da fala, como por exemplo, a caligrafia, o desenho, dentre outras possibilidades. De outro lado, durante meus dez ou onze anos de ensino básico, se muito tive foi uma professora de artes. O ensino no geral sempre foi precarizado, com pouquíssimo investimento. Por esse motivo, do que consigo me lembrar, nunca imaginei me formar como um profissional docente, muito menos especializado em artes, pois, em tese, não tive nenhuma influência que pudesse me motivar a esse ponto.

O exercício de rememorar o passado auxilia a pensar sobre os meus novos caminhos, percursos e obstáculos, como descreve Bondía,

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a

lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Esse parar para pensar, divagar pelos meus pensamentos, utopias, anseios e angústias me é caro nesse momento, já que cheguei à finalização de um processo de formação superior e não vejo no meu passado nenhum motivo institucional para que eu pudesse me interessar pelos assuntos aqui tratados.

Talvez os desfalques presentes na minha trajetória tenham me trazido até aqui...

Nasce daí a vontade de tratar desse futuro em devir. Para tanto, trago as especificidades do próprio processo educativo que é um devir, que não se finda, que está sempre e em contínua transformação.

Vale lembrar que esse desejo não está atrelado apenas à arte e ao ensino. A pesquisa também recebe seu devido espaço no texto. Pois a partir do momento que cheguei à universidade, a pesquisa compareceu significativamente, de maneira autônoma e aliada, em meio às outras experiências formativas, ao meu percurso. Isso aconteceu tanto olhando para dentro do currículo básico do curso, quanto nos dois períodos quando tive a oportunidade de participar do Programa de Iniciação à Pesquisa (PIP-UFG).

As coisas que eu ainda não sei aqui se apresentam como um desejo construído de não perder a vontade de buscar pelo conhecimento, mas ao mesmo tempo, tento entender a falta de recursos que me trouxeram a não ter a oportunidade de estudar artes nos meus primeiros anos na escola. Atenção para a busca constante pelo entendimento do que está ao nosso redor, ter abertura para as possibilidades, não deixar se enrijecer ou estagnar, reconhecer a fluidez da vida.

Situo-me, desta forma, em um cenário onde quero refletir sobre as dificuldades que temos em nosso país, em especial na arte, no ensino e na pesquisa, apresentando alguns dados que reiteram essas dificuldades. Para isso, faço um recorte temporal da minha trajetória.

Em seguida, busco apresentar as potencialidades da arte, da educação e da ciência, tendo como exemplo meus trajetos de produção artística, acadêmica e pedagógica durante a graduação. A partir de exemplos pessoais, busco ressaltar o

quanto me transformei como profissional e humano enquanto conheci e me aprofundei nesses eixos temáticos do curso. Uso da autobiografia.

Portanto, o objetivo nesta pesquisa é refletir sobre a minha trajetória como discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV-UFG, relacionando esses conceitos e suas possíveis interações e conflitos na busca por construir novos lugares de atuação sensível.

A organização deste Trabalho de Conclusão de Curso TCC tomou, portanto, a seguinte forma:

No capítulo 2, intitulado “O fardo que carregamos”, almejo discutir, com base em referências bibliográficas e estatísticas, sobre as dificuldades estruturais da arte, ensino e pesquisa em nosso país que de certa forma são herdadas do processo de colonização. Esse vem dividido em três momentos, onde em cada subdivisão eu discorro em específico de um eixo temático. “As dificuldades das artes visuais no nosso país”, “As dificuldades da pesquisa no nosso país” e “As dificuldades da educação no nosso país” integram, por conseguinte, este capítulo.

No próximo capítulo, o de número 3, no qual escolhi o título baseado na frase “Sempre fui sonhador e é isso que me mantém vivo” da música “A vida é desafio” do grupo de *RAP* Racionais Mc’s, apresento a discussão sobre a escolha da narrativa autobiográfica relacionando-a com os conceitos de arte, ensino e pesquisa, fazendo assim relação com o termo artografia, este possui duas subseções. Na primeira, “O eu artista, professor e pesquisador” eu exponho arquivos e experiências pessoais que ilustram o meu processo de constituir-me como artista, educador e pesquisador. Na segunda subseção, “O que posso com esses três instrumentos? Artografia e subversões” abro uma discussão de como eu acabei absorvendo todo esse conhecimento que poderá de alguma forma auxiliar nas minhas ações futuras.

Já no capítulo 4, intitulado “Pelo direito de sonhar”, analiso as informações e proponho o exercício de pensar uma nova sensibilidade/ uma nova forma de construção da história (nossa história) e que isso possa a vir ressoar nos campos da arte, do ensino e da pesquisa, entretanto que o ressoar ganhe forças para que possam romper as fronteiras e alcançar diversos outros campos em nossa sociedade. Busco refletir sobre aspectos sensíveis no que se refere ao futuro do

nosso planeta e o quanto carecemos repensar nossas ações e a forma dura e excludente que muitas vezes usamos na construção de nossas relações. Neste mesmo capítulo, já que o trato como as considerações finais do meu texto, apresento reflexões acerca das relações que construí entre arte, ensino e pesquisa dentro do meu percurso no curso de licenciatura de artes visuais, além de esboçar alguns sentimentos sobre todo o processo de pesquisa e escrita do texto.

2. O FARDO QUE CARREGAMOS

Para mim não é nenhum segredo que o Brasil é um país subdesenvolvido. E os países subdesenvolvidos têm a marca de carregar o peso de, apesar de uma vasta e rica cultura, terra e diversidade, estarem sempre subjugados a nações de primeiro mundo que detêm poder econômico e intelectual sobre os povos subalternizados. Ilustro essa situação partindo de um trecho do livro “As veias abertas da América Latina” de Eduardo Galeano onde ele relata os percalços da América Latina pós colonização.

É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar foram sucessivamente determinados, do exterior, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. Para cada um se atribuiu uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e se tornou infinita a cadeia de sucessivas dependências [...]. (GALEANO, 2012, p. 8)

Entendo esse perfil como o princípio dos fracassos da terra em que “se plantando tudo dá”¹ de construir uma nação sólida e autônoma. Assim como nos foi contado nos livros de história ou de imagens marcantes, como por exemplo, a pintura clássica de Pedro Américo² que conta a história da Independência do nosso país, fora do interesse de D. Pedro I quando declarou a independência do Brasil para com Portugal. Talvez vocês conheçam a famosa frase “independência ou morte!” supostamente exclamada nesse momento, especificamente no dia 7 de setembro de 1822. Entretanto, estaríamos nós, considerados brasileiros, mesmo livres de quaisquer interferências de outras nações? Ou essas formas de acumular riquezas e recursos tirados dos países com “as veias abertas” apenas se sofisticaram e passaram a acontecer de maneira mais sutil?

¹ Trecho que remete à carta escrita em 1º de maio de 1500 por Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel onde ele apresentava alguns aspectos da terra que hoje conhecemos por Brasil.

² O pintor Pedro Américo, na data de 1888 pintou a tela “Independência ou Morte” com tinta a óleo com as dimensões de 415x760cm. Hoje a tela se encontra no Museu Paulista da USP, em São Paulo-SP.

Essas e outras questões faço neste momento para começar a pensar nas dificuldades que enfrentamos, principalmente no que diz respeito a arte, a educação e a ciência em nosso país.

Sabendo que nosso país vive nos rastros das escolhas datadas cerca de 500 anos atrás e que no ritmo do caminhar ainda estaremos por muito tempo trilhando pelos mesmos caminhos, gostaria de pensar um pouco na atualidade e refletir sobre as políticas públicas em volta da arte, do ensino e da pesquisa no Brasil. Assim, e de forma superficial já que o tempo que tenho é curto, procuro relacionar parte da situação em que vivemos e desvendar a situação dessas feridas que ainda não cicatrizaram ou que já cicatrizaram, dos sangramentos não estancados ou que já foram estancados.

A seguir, apresento alguns dados que dizem respeito às dificuldades brasileiras enquanto aos três eixos específicos do curso de licenciatura em artes visuais tratados nesta pesquisa. Procuro fazer um recorte histórico de 2017 até o presente momento em que escrevo este texto, por ser o período em que vivenciei de maneira próxima e senti de forma íntima todas essas mudanças, que, aliás, interferem na história que eu resolvi aqui contar.

Sobre estes dados. De um lado trago informações estatísticas em relação aos investimentos governamentais destinados às áreas da arte, ensino e pesquisa no Brasil como forma de ilustrar o quadro de como as políticas públicas vêm sendo pensadas de uns anos para cá nessas áreas. Faço isso pensando em apresentar uma crítica mais realista e para fugir da possibilidade de fazer com que a discussão soe como lamentação ou especulação da minha parte. Trago para dentro dessa discussão a promulgação da Emenda Constitucional nº 95.

O surgimento da Constituição Federal em 1988 firma um pacto social em nome do bem-estar e da proteção social de toda a nação brasileira, sobretudo dos cidadãos em situação de maior vulnerabilidade. Esse pacto reconhece como direitos sociais, a educação, a saúde, a segurança, a previdência social, a assistência, etc. E o Estado estaria no papel de responsável pela sua aplicação. Em contrapartida, surge a proposta de Emenda Constitucional de nº 95, conhecida como “PEC da Morte” (PEC 241/2016 na Câmara dos Deputados e PEC 55/2016 no Senado Federal), que rompe esse pacto. A crueldade econômica proposta e defendida pelo

até então governo, interrompeu o que estava sendo desenvolvido, prevendo a limitação ao crescimento das despesas do governo brasileiro durante 20 anos.

Para justificar a PEC, o governo partiu do diagnóstico de que o quadro fiscal deteriorado, cuja raiz principal estaria no crescimento acelerado da despesa, implica elevados prêmios de risco, perda de confiança, juros altos e efeitos negativos na atividade. (HORTA, 2017, p. 287)

De modo geral, esse projeto dilui e limita os investimentos em políticas públicas nos âmbitos sociais e fragiliza toda a rede de proteção social construída até aí.

Do outro lado, como a pesquisa trata de assuntos específicos, sendo um deles as artes visuais, sendo essa uma área que pode ser diretamente atrelada ao campo das imagens, falo imagem, mas aqui se pretende ir além do que entendemos pelo senso comum como imagem, aquela imagem que recebemos a partir da retina ocular. Consequentemente, os dados dizem respeito à situação da imagem das três áreas em nossa sociedade. Ou melhor, o perfil dos três eixos de atuação que é criado pela própria sociedade através de embates que acabam se tornando públicos e circulam por diversos veículos de comunicação, vale lembrar que embates e/ou discussões assim acontecem o tempo todo em nossa sociedade e que em sua maioria as pessoas envolvidas impõe opiniões mesmo sem nenhum tipo de especialidade ou conhecimento prévio no assunto.

Dentre abordagens teórico-conceituais e epistemológicas as mais diversas, a cultura visual comparece não como disciplina, mas hipoteticamente como um território mais ou menos aberto, que comporta, entre seus projetos, a busca de explicação de algumas das armas utilizadas nos diferentes embates, sobretudo aqueles dos quais os fluxos imagéticos tomem parte relevante (imagens de toda natureza, inclusive as da arte), seja na produção de sentido, na manutenção de hierarquias, no desafio a elas, nos processos de socialização, na busca de conformação de novos sentidos da vida social. (MARTINS A. F., 2012, p. 2).

Com isso, procuro refletir sobre as dificuldades em meio a esses fatos, mas ao mesmo tempo tenho um espaço para refletir sobre a criação, transformação e veiculação de imagens, da forma como os fatos se apresentam ao olhar. Busco auxílio nos estudos da cultura visual para essa análise.

No se refiere sólo a una serie de objetos, sino a un campo de estudio que ha ido emergiendo desde la confluencia de diferentes disciplinas,

en particular desde la Sociología, la Semiótica, los Estudios culturales y feministas y la Historia cultural del arte, y que dibuja diferentes perspectivas teóricas y metodológicas. Este campo suele pensarse como formado por dos elementos próximos: las formas culturales vinculadas a la mirada y que denominamos como prácticas 'visualidad'; y el estudio de un amplio espectro de artefactos visuales que van más allá de los recogidos y presentados en las instituciones de arte. (HERNANDEZ, 2005, p. 12-13)³

Partindo da intenção ou necessidade de explicitar esses dados acredito que a cultura visual proporciona subsídios pontuais, visto que é possível partir das imagens objeto que estão em constante veiculação nas mídias, se atentando ao fato de que.

A visão é tão importante quanto a linguagem na mediação de relações sociais sem ser, no entanto, redutível à linguagem, ao "signo" ou ao discurso. As imagens querem direitos iguais aos da linguagem e não simplesmente serem transformadas em linguagem. (MITCHELL, 2015, p.186)

Assim podemos trabalhar a partir das visualidades, ou seja, o desenvolver do discurso promovido por essas imagens. Até porque "o que as imagens querem, em última instância, é simplesmente serem perguntadas sobre o que querem, tendo em conta que a resposta pode muito bem ser "nada"." (MITCHELL, 2015, p.187)

2.1. As dificuldades das artes visuais no nosso país

O Brasil possui um programa de apoio cultural que é denominado Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), este está vinculado à Secretaria Especial da Cultura (SEC), órgão que organiza as políticas do Ministério do Turismo (MTur), antigo Ministério da Cultura (MinC), extinto em 1º de janeiro de 2019. Esse programa surgiu na lei 8.313, instituída em 23 de dezembro de 1991. O programa é voltado tanto para apoiar a produção cultural, preservar o patrimônio artístico-cultural que possuímos no país, tal qual facilitar o acesso de toda a população, assim podemos considerar as artes visuais pertencente a esse arcabouço. Três mecanismos fazem

³ A cultura visual não se refere apenas a uma série de objetos, mas a um campo de estudo que vem emergindo da confluência de diferentes disciplinas, em particular da Sociologia, Semiótica, Estudos Culturais e feministas e a História Cultural da arte, e que desenha diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Este campo é geralmente considerado como constituído por dois elementos próximos: as formas culturais ligadas ao olhar e que chamamos de práticas de "visualidade"; e o estudo de um amplo espectro de artefactos visuais que vão além daqueles coletados e apresentados em instituições de arte. (Tradução livre)

parte do Programa: o Incentivo à Cultura, o Fundo Nacional de Cultura (FNC) e os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficarts). E pretendem.

Art. 1º Fica instituído o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), com a finalidade de captar e canalizar recursos para o setor de modo a:

I - contribuir para facilitar, a todos, os meios para o livre acesso às fontes da cultura e o pleno exercício dos direitos culturais;

II - promover e estimular a regionalização da produção cultural e artística brasileira, com valorização de recursos humanos e conteúdos locais;

III - apoiar, valorizar e difundir o conjunto das manifestações culturais e seus respectivos criadores;

IV - proteger as expressões culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira e responsáveis pelo pluralismo da cultura nacional;

V - salvaguardar a sobrevivência e o florescimento dos modos de criar, fazer e viver da sociedade brasileira;

VI - preservar os bens materiais e imateriais do patrimônio cultural e histórico brasileiro;

VII - desenvolver a consciência internacional e o respeito aos valores culturais de outros povos ou nações;

VIII - estimular a produção e difusão de bens culturais de valor universal, formadores e informadores de conhecimento, cultura e memória;

IX - priorizar o produto cultural originário do País. (SEC, [2021])

Dentre os três mecanismos citados acima, iremos enfatizar o Fundo Nacional de Cultura (FNC) que:

[...] representa o investimento direto do Estado no fomento à Cultura. Nele, o apoio a projetos é feito mediante a aplicação direta de recursos do orçamento da União em projetos específicos, selecionados, principalmente, por meio de editais. O apoio via FNC promove uma distribuição dos recursos de forma mais equilibrada entre as diferentes regiões do país. A parcela do orçamento destinada ao Fundo, entretanto, é alvo de constantes contingenciamentos (quando a destinação de recursos para determinado Fundo ou setor é adiada ou deixa de acontecer por conta da insuficiência de receita ou da destinação da mesma para outra área estratégica). (SEC, [2021])

De modo geral, o FNC é o órgão que distribui os recursos para a manutenção do setor artístico-cultural, por isso daremos foco a este mecanismo e veremos a fundo as dificuldades estruturais do setor entre 2017 a 2020 a partir da diferença gritante no valor final de repasse de recursos que o órgão vem disponibilizando.

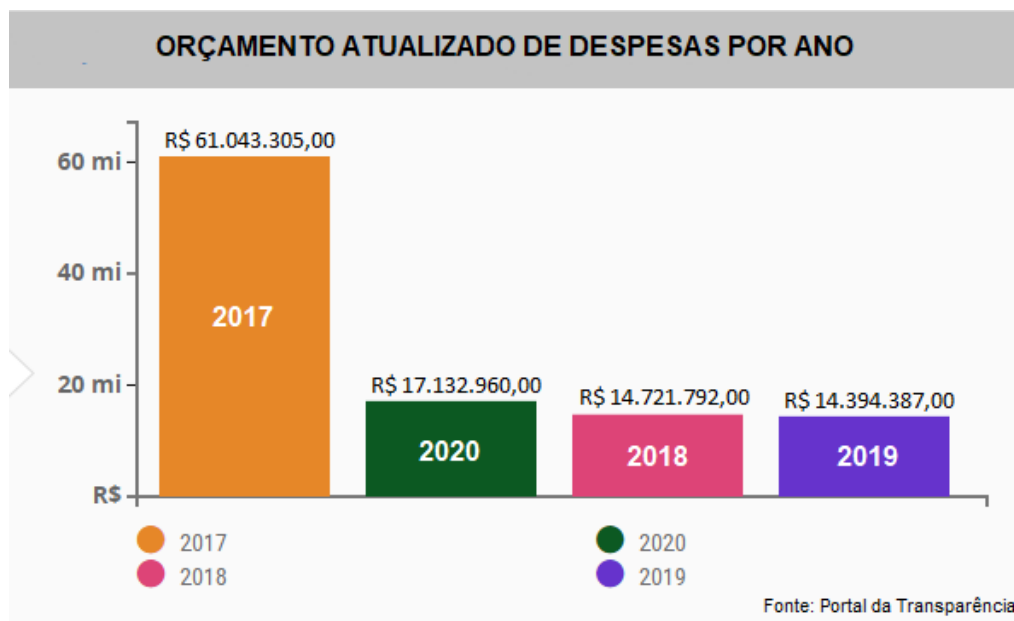


Figura 1. Tabela de orçamento de investimentos destinados ao FNC de 2017 a 2020. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/orcamento/despesas>>. Acesso: 28 abr. 2021.

Nesse gráfico podemos notar a enorme diferença de investimento entre os anos, que parece estar diminuindo, já que em 2021 o valor atualizado até o momento é de R\$28.339.234,00⁴ cerca de R\$11.000.000,00 a mais, quase a marca total atingida entre 2018 e 2019. Porém não tende a alcançar a proporção de 2017 devido ao teto de gastos.



Figura 2. Incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro, 2018. Foto: Ricardo Moraes/ Agência Reuters.

⁴ Portal da Transparência. Orçamento de investimentos destinados ao Fundo Nacional de Cultura em 2021. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/orcamento/despesas>>. Acesso: 28 abr 2021.

Para tratar de imagem e das dificuldades notadas nelas, iniciamos com o registro do desastroso incêndio ocorrido no Museu Nacional do Rio de Janeiro no dia 02 de setembro de 2018, nesse incêndio estima a perda entre 20 milhões de itens, tais objetos promovem e registram a transformação tanto no âmbito das artes visuais, como da pesquisa, da história, da educação entre diversos outros, já que o espaço é vinculado a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Trago essa imagem com a intenção de evidenciar a consonância entre os três eixos pesquisados, e mostrar que a consonância também pode ser dolorosa, uma vez que todos passam por um processo de esquecimento, perde-se em ambos, objetos importantes que marcam a transformação de toda uma nação, podemos dizer até que parte da transformação da humanidade.

Pensando assim, a imagem consegue demarcar em fatos as dificuldades que alguns direitos sociais enfrentam no Brasil, sobretudo usamos para dar foco às dificuldades nas artes visuais, sendo o Museu Nacional um espaço cultural.

A imagem do incêndio registrada pelo fotógrafo Ricardo Moraes foi escolhida em específico, pois se percebemos com calma traz a frente à estátua de Dom Pedro II que continua impetuosa e sequer pode presenciar o acontecimento desastroso, já que está de costas para a instituição. A estátua de Dom Pedro II pode ser metaforicamente ligada à imagem do Estado que dá as costas para instituições como essa que abrigam parte significativa do que seu povo foi, é e será. Trago Emmanuel Alloa para podermos ter embasamento no raciocínio sobre a questão de como as imagens podem ser pensadas.

A ambivalência fundamental ao olhar as imagens talvez se lance inteiramente nesta oscilação entre a denúncia dos limites da imagem e a operacionalização de seu ser-limitado, na ambiguidade entre o que se dá por finito (podendo, portanto, servir de suporte representativo ao que, de outra forma, se subtrai ao olhar) e isso que, entretanto, na sua finitude, se excede em permanência, não reconhecendo nunca os limites da sua própria razão. (ALLOA, E. 2015. p. 10).

Buscando daí, apresento algumas imagens que por outro lado se caracterizam como ações que colocam em discussão todos esses desastres que assolam os direitos sociais da população brasileira e reivindicam melhorias em todos os aspectos da melhoria do convívio social.



Figura 3. Marcos Chaves. Vai passar, 2019. Museu de Arte do Rio (MAR).

A imagem acima representa a bandeira “Vai passar” criada pelo artista visual Marcos Chaves no ano de 2019 e faz parte de um projeto do Museu de Arte do Rio (MAR), onde a instituição convida artistas a criarem bandeiras para apresentar no mastro do Palacete D. João VI, restaurado no mesmo ano. Segundo o artista, a frase:

[...] é um pensamento milenar. Há uma lenda persa em que o rei chama vários sábios para aconselhá-lo em momentos difíceis e recebe de um deles um anel onde está escrito ‘isso também passará’. Quer dizer que tudo realmente passa, tanto as coisas boas quanto as ruins. Todo mundo tem que ter essa mensagem constante na cabeça, porque é isso que leva a gente para a frente. Às vezes as situações são tão difíceis que a única maneira de seguir em frente é a esperança de que vai passar”. (CHAVES, 2019)

O trabalho tem como objetivo despertar nas pessoas a ideia de esperança. E como vimos em números e acontecimentos, 2019 foi um ano quando foi preciso buscar mais vezes por esse sentimento, pois diante tantas desgraças o que nos resta(ou) é esperança por dias melhores. O artista ainda lança uma questão colocando uma interrogação no verso da bandeira, que nos leva a refletir que talvez estejamos esperando que tudo passe a algum tempo. A bandeira que é erguida em um mastro com o nome de um colonizador português potencializa ainda mais a ideia de esperança. Pois o que ontem erguia bandeiras de reinos e ordens coloniais, hoje clamam por mudanças.

A imagem da bandeira para além de uma obra artística que chama a atenção para o universo cultural consegue ainda instaurar o diálogo sobre todo um contexto abarcando outros assuntos.

2.2. As dificuldades da pesquisa no nosso país

Dentre as modalidades de financiamento de pesquisa no Brasil, daremos foco ao Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT).

O Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FNDCT, criado em 1969, é um fundo de natureza contábil que tem como objetivo financiar a inovação e o desenvolvimento científico e tecnológico, com vistas a promover o desenvolvimento econômico e social do País. (FINEP, [2021])

Esse é mediado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), uma empresa pública brasileira de fomento à ciência, tecnologia e inovação tanto em empresas, bem como às universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas. A empresa é vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI). O FNDCT recebe, então, repasses de empresas privadas e do governo federal, através do MCTI. Serão os repasses governamentais que mostraremos a seguir.

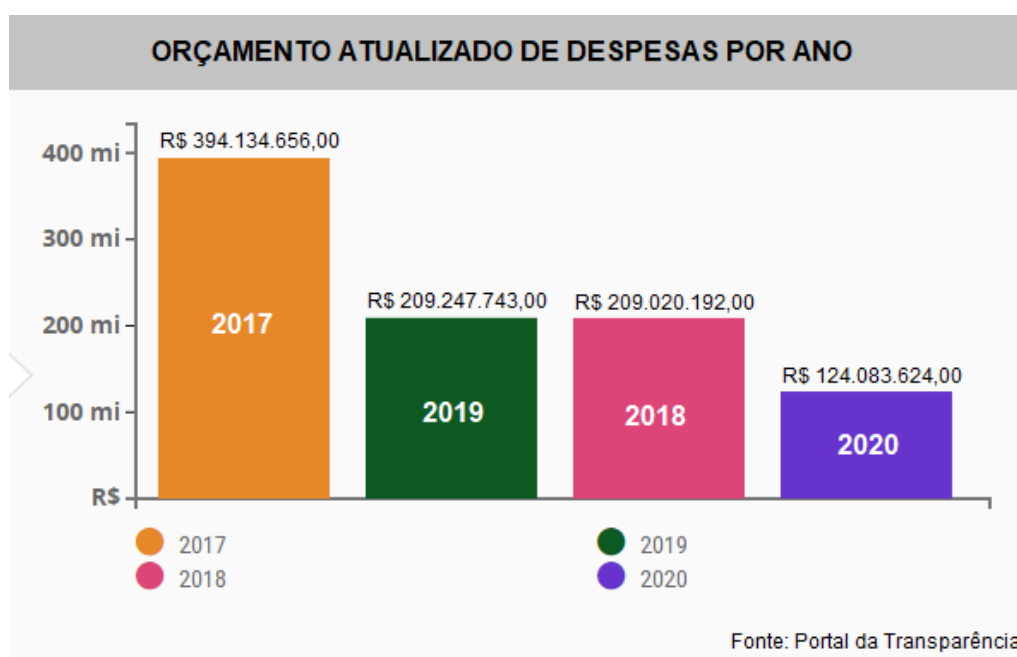


Figura 4. Tabela de orçamento de investimentos destinados ao FNDCT de 2017 a 2020. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/orcamento/despesas>>. Acesso: 28 abr. 2021.

Nota-se no gráfico irregularidades mínimas entre 2018 e 2019, porém o fato que chama mais atenção é o sucateamento financeiro de uma área entendida de extrema importância se considerarmos 2020 ano do início de uma pandemia mundial que atingiu de maneira significativa o Brasil.

Falando agora não com o olhar voltado para a pesquisa que atinge diretamente os campos artístico-educacionais, mas para a pesquisa pautada em resolver questões extraordinárias, vendo os números percebemos que, ao invés de destinar mais recursos para, a inovação e desenvolvimento científico e tecnológico para promover o desenvolvimento econômico e social do país como é o objetivo do FNDCT (acredito ser parte dos valores do MCTI também), no combate da doença covid-19, tivemos uma baixa considerável nesse momento que além de uma crise econômica enfrentamos uma guerra sanitária em defesa da vida. Vida que é defendida pela ciência. Porém o quadro de avanço e propagação da doença se agrava e o quadro de investimentos em pesquisas, ferramenta essencial a ser aliada da saúde pública para vencer essa guerra, permanece diminuindo. Mesmo sabendo que dentro da PEC 241/55, a saúde e a educação tem protagonismo em relação ao recálculo de recursos repassados, pois nela “altera a fórmula de cálculo do limite mínimo de gastos. Não obriga qualquer redução de gastos” (MEIRELLES, 2016, p. 26), a ciência em teoria não entra nesse grupo.

Sobre esses fatos, fica evidente que a imagem da pesquisa no país passa por um momento que se encontra totalmente sujeita aos olhares críticos. Assim, consideramos não ser necessário ponderar ou apresentar eventos e dados específicos sobre isso, pois qualquer pessoa minimamente informada tem conhecimento da situação a partir da experiência da pandemia de covid-19. Essa experiência vem sendo discutida também através de imagens. As imagens, segundo Alloo “[...] têm o poder de tocar o que está ausente, tornando presente aquele que está distante” (ALLOA, E. 2015. p. 10)

Entretanto ressalto que, observando as conquistas feitas por pesquisadores do Brasil no combate desse vírus pandêmico, que são construídas mesmo com o mínimo de recursos e enfrentando divergências político-econômicas, ainda há esperança. Esperança na profissão, esperança na vida, esperança por dias melhores.

Desde o primeiro caso de infecção comprovado no país, as investidas foram se apresentando a partir das necessidades. Uma diversidade de pesquisadores anteciparam as previsões e construíram conhecimento para auxiliar na prevenção, no tratamento e agora na imunização da população. Entre tantas pesquisas importantes podemos dar o exemplo da criação de elmos de respiração artificial que conseguiram, de certa forma, conter um pouco da sobrecarga no sistema de saúde, e também o desenvolvimento das vacinas.



Figura 5. Elmo de respiração artificial, criado no Ceará. Idealizado por Marcelo Alcântara. Foto: Daniel Araújo/SESA-CE.

Embora isso tenha acontecido, a realidade é um abismo de tristeza já que nosso país continua batendo recordes em relação ao número de mortes e que mesmo trabalhando para desenvolver imunizantes, a vacinação está muito atrasada em relação aos países desenvolvidos. Talvez isso seja um efeito de algo estrutural, de um processo antigo.

2.3. As dificuldades da educação no nosso país

Em relação ao campo da educação, mostrarei dados referentes aos investimentos que são repassados pela administração pública através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O FNDE é a “[...] autarquia federal criada pela Lei nº 5.537, de 21 de novembro de 1968, e alterada pelo

Decreto-Lei nº 872, de 15 de setembro de 1969, é responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação (MEC).” (MEC, 2012)

Vale lembrar que a educação, dentro do projeto de Emenda Constitucional nº 95 também entra em enfoque, onde o então ministro da fazenda Henrique Meirelles (2016, p.26) alega que “[...] o gasto está bastante acima do mínimo, e não será cortado abruptamente.” O gráfico a seguir melhor ilustra o recálculo feito entre os anos de 2017 a 2020.

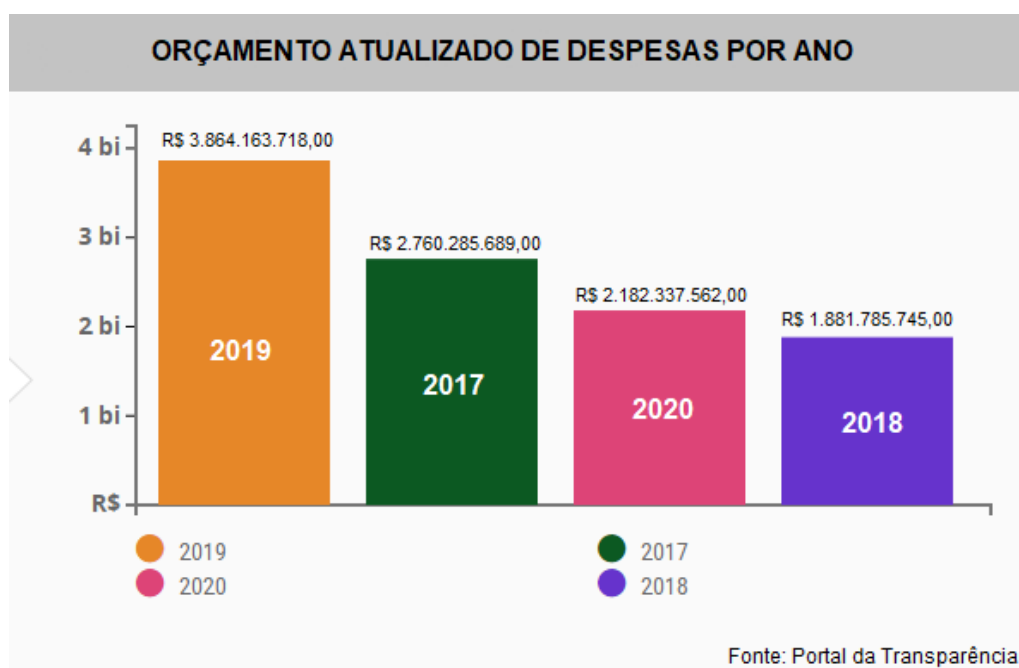


Figura 6. Tabela de orçamento de investimentos destinados ao FNDE de 2017 a 2020. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/orcamento/despesas>>. Acesso: 28 abr. 2021.

Nota-se que em 2019 houve um aumento considerável na quantia investida em relação aos anos anteriores, isso se deu devido às medidas tomadas pela própria comunidade educacional. O ano de 2019 foi marcado pelas manifestações que reuniram milhares de pessoas pelas ruas em cidades de todo o país, os protestos se organizaram a partir do objetivo de pressionar e barrar as medidas previstas pelo governo do recém-eleito presidente, tais medidas atingiam tanto a educação, como a previdência social e o meio ambiente. Tais manifestações começaram ser organizadas nos dias 15 e 30 de maio e se estenderam até o mês de agosto, as primeiras foram apelidadas de 15M e 30M.

Devido ao número estratosférico de pessoas nas ruas reivindicando melhorias e bradando contra o retrocesso, o movimento foi denominado de "Grito dos

excluídos" e "Tsunami da educação"⁵ e conseguiu, como mostra os números apresentados no gráfico, barrar diversas medidas anunciadas pelo Governo Federal.

Bem que eu poderia mostrar imagens que ilustram as dificuldades brasileiras enquanto a educação partindo de questões como, a violência que vem invadindo os muros das escolas ou a recomendação federal de taxaço de livros frente à maleabilidade do porte de armas, porém, trazemos imagens que representam um levante popular, considerando o evento como uma reação a todas as dificuldades enfrentadas dentro da educação.



Figura 7. Faixa aberta em manifestação no Largo da Batata, na capital paulista, resumiu o movimento que chegou a ser chamado de "Tsunami da educação". Foto: Mídia Ninja.

⁵Redação Brasil de Fato. "Grito dos excluídos" e "Tsunami da Educação" levam milhares às ruas contra Bolsonaro. São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/09/07/grito-dos-excluidos-e-tsunami-da-educacao-levam-milhares-as-ruas-contr-bolsonaro>>. Acesso: 28 abr. 2021.



Figura 8. Frente organizada para manifestação no dia 15 de maio de 2019, Praça Universitária, Goiânia. Foto: A Casa de Vidro.

Essa batalha pela educação pública de qualidade não é algo atual, isso vem acontecendo a muito tempo dentro da nossa sociedade, podemos citar o bom exemplo de Paulo Freire, que ao propor alfabetizar trabalhadores⁶ foi preso e exilado por anos durante a ditadura militar.

As grandes manifestações em 2019 conseguiram barrar maiores retrocessos que vinham sendo acumulados na educação, porém foram impedidas de acontecer em 2020. Isso fragilizou a luta por melhorias, mas vamos acreditar que foram o início de algo maior e que acontecerá todas as vezes que quiserem tentar contra a educação pública e de qualidade como é prevista na Constituição Federal.

⁶ Ver em Paulo Freire. Educação como Prática da Liberdade, 1967.

3. SEMPRE FUI SONHADOR E É ISSO QUE ME MANTÉM VIVO

Neste capítulo, discorro um pouco sobre as questões que me levaram a seguir os caminhos da narrativa autobiográfica, apresento durante a escrita alguns pontos que revelam essas escolhas.

Uma delas é a própria escolha do título do capítulo. “Sempre fui sonhador e é isso que me mantém vivo” resolvi escolher a partir da música “A vida é desafio” do grupo de *RAP* Racionais Mc’s, considero esse grupo e música um dos meus primeiros contatos com a arte e que ajudou na minha construção como indivíduo que reflete sobre o que acontece à sua volta com olhar crítico, ao mesmo tempo me colocou em posição de sonhar, de correr atrás dos meus sonhos, de entender que apesar de quaisquer dificuldades que eu venha enfrentar eu possa “sempre acreditar que um sonho é possível”. Ou seja, isso vem ter papel importante em minha vida e formação, visto que:

[...]a pesquisa narrativa se debruça sobre questões epistemológicas que possam ajudar a compreender e explicar como práticas culturais, sociais e visuais marcam a trajetória e a subjetividade dos indivíduos, seus modos de perceber, interpretar e narrar. Preocupa-se, ainda, com a compreensão de como essas práticas configuram idéias, conceitos e representações. (MARTINS; TOURINHO, 2009, p. 1-2)

Busco me manter sonhador, superar meus medos, me sentir vivo sobre qualquer circunstância a que eu venha enfrentar, isso me mantém conectado com as pessoas que sonham/sonharam ao meu lado, considero um sonho coletivo uma narrativa que carrega muita força e simbologia e que marcam minha trajetória.

Penso também na pesquisa a partir do desafio de observar e perceber as inúmeras situações e acontecimentos que constituem o espaço, ou nesse caso, o percurso, e relacioná-las, evidentemente, com as práticas artístico-científico-pedagógicas que estão ligadas à minha trajetória dentro do curso de Artes Visuais. É importante refletir sobre essas considerações e vislumbres que poderemos ter nesse contato com a prática, considerando que a teoria não consegue lidar com as realidades de todos os espaços/percursos, muito menos reduzir as inúmeras experiências subjetivas diárias a apenas uma perspectiva, já que os espaços estão, assim como nós seres humanos que mantemos o funcionamento deles, em transformação constante. Trago para pensarmos nessa fluidez das experiências a

discussão acerca da perspectiva do tipo etnográfica que, segundo Marli André, vem evoluindo e...

... o que faz um etnógrafo não é um retrato – ou uma reprodução – da realidade, mas uma interpretação, a sua interpretação da realidade, ou seja, a descrição etnográfica é marcada pelos traços distintivos do pesquisador – idade, sexo, cor, classe social, instrução. Não é, portanto, isenta de valor. (ANDRÉ, 2005, p. 101)

O que busco dizer a partir disso é que, pensando meu percurso como o espaço a ser observado, dentro da perspectiva com traços etnográficos, os acontecimentos enfatizados dizem respeito para além do que eu vivi dentro do ambiente acadêmico e carrega cargas de subjetividade que rompem a fronteira do que posso conter enquanto a isso.

Seguindo a ideia do sonho que é sonhado em coletivo e considerando que a pesquisa está voltada para relatar o processo e a finalização de uma etapa de formação profissional, segundo Elizeu Clementino de Souza (2011, p. 213) “A noção de território como confluência de múltiplos espaços narrativos vincula-se às relações sociais, políticas, materiais e simbólicas, vividas pelos sujeitos em suas trajetórias de vida-formação.” É interessante então pensar a questão do território, nesse caso, de duas formas, o território que marca toda a minha formação cidadã, digamos assim, e o território que ocupo a partir do meu ingresso na universidade, em ambos construí relações que marcaram meu percurso e construiu minha narrativa.

De um aspecto geral, no caso da pesquisa autobiográfica, é importante perceber a presença enfática dos atores sociais já que em novos métodos como esse que se contrapõem aos métodos clássicos, os princípios “não são mais as regularidades e as situações estáveis, mas sim ‘as evoluções, as crises e as instabilidades’, bem como ‘a gênese e as mutações das normas que interferem nos comportamentos sociais’.” (BUENO, 2002, p. 14). E para além disso, quando se trata de autobiografias, para a autora:

[...] estas são entendidas como “biografias educativas”, ou seja, enquanto instrumentos de formação, que podem ou não estar aliados à pesquisa. Dessa concepção resulta uma ênfase sobre o caráter formativo e uma nova perspectiva para a investigação educacional. (BUENO, 2002, p. 22)

Chamo a atenção para o fato de a autobiografia entender a própria história de vida docente como prática educativa e isso nos transporta para além de um olhar

com traços hegemônicos. Em seguida pretendo apresentar algumas intenções dessa perspectiva dentro da construção de um profissional em arte, ensino e pesquisa que considere a importância de narrar nossa história já que "pode-se dizer que arte, pesquisa e ensino contêm partes de cada uma, e na prática, formam um tipo de síntese" (Citado por TOURINHO, 2013, p. 64) e que "As dimensões pessoais e profissionais são estruturantes do ofício que tecemos, das marcas construídas ao longo da vida e das trajetórias constitutivas das histórias individuais e coletivas." (SOUZA. E. C, 2011, p. 215)

Seguindo a reflexão de Elizeu (2011, p. 216) "As pesquisas com histórias de vida e com a abordagem (auto)biográfica assentam-se na hermenêutica crítica, face à interpretação do social e da valorização dos sentidos e significados construídos no contexto pelos sujeitos."

Esse aparato metodológico de pesquisa da qual a abordagem autobiográfica nos traz, pressupõe, no geral, rupturas, já que em contramão de outras abordagens, pois quem pesquisa é quem constrói, de modo íntimo e singular, sua narrativa a partir de experiências pessoais. Belmira Oliveira Bueno, pesquisadora que doa alguns esforços para estudar o tema aliado às possíveis relações com o âmbito educacional, parafraseia algumas ideias sobre autobiografia apresentada por Godson de 1992 a 1994 e nos alerta ao fato de:

[...] tais abordagens poderem gerar uma "contra-cultura". Isto é, ao se trabalhar na perspectiva das histórias de vida pode-se desenvolver entre os professores uma postura que irá funcionar como resistência às novas políticas que tentam fazer com que os docentes "voltem para as sombras". (BUENO, 2002, p. 24)

Rupturas essas que me soam como vozes utópicas, essas são os sonhos que mantêm meus desejos por sentir a vida e os desafios que nela encontramos. A autora ainda completa ainda seguindo os pensamentos de Godson que dar ouvidos aos professores é assegurar que surja uma contracultura, produzida à medida que a voz docente se torne ferramenta contra o poder institucionalizado. (BUENO, 2002, p. 24-25)

Sendo minha escolha pela autobiografia uma intenção de também revisitar a experiência estética da minha narrativa, a minha escolha pela pesquisa autobiográfica tornou-se cara ao se apresentar como uma possibilidade ampla, pois

pôde conectar-me com outros caminhos os quais trilhei com outros olhares em outros momentos, onde eu ainda posso criar uma nova narrativa no reconstruir dos caminhos, das experiências e de reflexões. E como eu trato de percursos, essa pesquisa se tornou um trilho pelo qual eu posso andar e refletir sobre os passos que por mim já foram dados, os que estou dando, e os que virão a ser dados.

Para melhor ilustrar meu percurso de formação, em seguida, apresento dados que eu fui somando durante minha graduação, neles eu revisito alguns aspectos que acredito serem protagonistas em minha formação em relação aos três eixos que trato em particular, trago também experiências por mim vividas evidenciando a escolha pela pesquisa autobiográfica. Considero que todas essas informações englobam eventos importantes da minha formação como artista, professor e pesquisador.

Mas antes de avançarmos ao próximo passo, gostaria de formular a ideia sobre como enxergo a organização dessas três etapas do meu trajeto. Vamos lá.

Gostaria de lembrar que, como optei por enfatizar meu processo de formação com relação à arte, ensino e pesquisa dentro de uma perspectiva autobiográfica, as escolhas e os recortes feitos aqui não partem de um devaneio de lidar apenas com experiências íntimas. Muito pelo contrário, meus primeiros passos vão em direção ao próprio currículo do curso, onde os três eixos selecionados possuem papéis bem específicos em sua constituição. Como mostra a resolução abaixo:

6.1 Eixos Temáticos

Nesta proposta, destacam-se quatro eixos temáticos, aos quais vinculam-se as disciplinas obrigatórias constantes na Matriz Curricular do curso:

I- Eixo de Produção e Criação Artístico-Visual (PCA) - é constituído por técnicas, reflexões, pesquisas, experimentações, criações, referências, processos e produções artísticas, mediadas por projetos e construções individuais e/ou coletivos em Artes Visuais, que propiciam a prática e a compreensão dos processos construtivos em Arte;

II- Eixo de Fundamentação Histórica e Sociocultural em Artes Visuais (FHS) - tem como centralidade a discussão, inter-relação e contextualização dos aspectos históricos, estéticos, representacionais, críticos e socioculturais da arte e de seus sujeitos num determinado tempo e espaço;

III- Eixo de Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação (FSP) - enfoca os fundamentos socioculturais,

históricos, psicológicos, organizacionais e pedagógicos de ensino e aprendizagem da Arte na contemporaneidade, com ênfase sobre as teorias, legislações, metodologias, tecnologias e discussões que fundamentam as Artes Visuais na educação, tendo por referência os aspectos multi e interculturais da realidade atual e da educação brasileira;

IV- Eixo de Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais (PEP) - é formado pela inter-relação entre teorias e práticas que propiciam a formação artístico-pedagógica e a profissionalização de educadores/as em Artes Visuais, mediante processos de observação, acompanhamento, investigação, análise, estruturação e desenvolvimento de projetos pedagógicos em contextos educacionais diferenciados, os quais, deverão propiciar ações pedagógicas em espaços formais e não-formais, enfatizar as discussões e concepções interdisciplinares sobre as questões socioculturais, artísticas e educacionais contemporâneas, estimular a pesquisa e a ética profissional como princípio do trabalho docente, favorecer a realização e sistematização de projetos inovadores no ensino-aprendizagem das Artes Visuais. (FAV, 2014)

Sendo assim, após descoberto como está estruturado o conteúdo temático do curso e entender que não foi uma coincidência eu ter escolhido os eixos específicos que trato nesta pesquisa, consigo trazer dados tratando da minha experiência como estudante do curso de licenciatura em artes visuais, e de alguns pontos da minha vida (talvez o que me fez chegar até aqui), como o contato com trabalhos manuais na minha infância, a participação nas disciplinas da graduação, participação em eventos artístico-culturais etc.

3.1. O eu artista, educador e pesquisador.

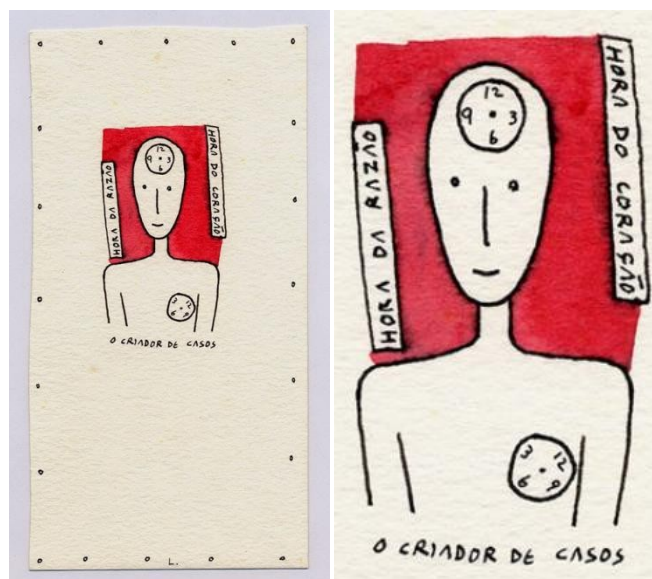


Figura 9. José Leonilson, O criador de casos, 1989. Tinta de caneta permanente e guache sobre papel. 17,2 x 8,7 cm. Fonte: site Projeto Leonilson.

Com a imagem da figura 9, pretendo dar início à articulação de dados sobre especificidades dos meus caminhos trilhados, principalmente dentro da graduação.

Escolhi essa imagem, pois se trata de um desenho do artista Leonilson do qual eu carrego muita admiração pelo seu trabalho. José Leonilson foi em vida um artista sensível e atento às complexidades de seu tempo e mesmo que tenha falecido ainda toca corações, assim como tocou o meu. Foi um artista que inclusive fez uso da autobiografia para retratar histórias que dizem muito sobre ele, mas ao mesmo tempo dizem muito de muitas outras pessoas. E é nessa sensibilidade íntima que pretendo me apegar ao falar do meu processo de (auto)construção como artista, educador e pesquisador. Como mostra no desenho, “o criador de casos”, “hora da razão” e “hora do coração”, eu gostaria, neste momento, de adotar esse papel de ser o criador de casos ao refletir sobre minha intimidade. Ora quero lidar com emoções, ora com a razão ao discorrer sobre esse processo que fala bastante não só do *eu*, mas de muitas outras pessoas.

De antemão, gostaria de destacar que de forma alguma as coisas que aqui escrevo estão totalmente resolvidas fora e/ou dentro de mim.

Em razão disso, não sei a que ponto começo a me considerar um artista, educador e pesquisador, se preciso de algum título para isso, algum reconhecimento institucional e/ou se realmente consigo fazer isso. Não digo a respeito de permissão, pois ao finalizar o curso terei total possibilidade, mas de sensação.

O que sei é que ainda não reconheço em mim todas essas qualidades, e por mais que eu tenha passado por esse período me formando na área, ainda não consigo resolver esse possível problema.

Talvez por motivos externos, como por exemplo, a falta de reconhecimento que existe dentro dessas áreas e atingem pontos que vão do social ao financeiro. Talvez por motivos internos, já que não possuo autoestima imediata para me colocar no então papel.

Ou, em última questão, trago uma hipótese intrigante na qual pretendo me apoiar. Seria a seguinte: talvez eu não concorde em me limitar a concepções

endurecidas que tornam na teoria e na prática uma pessoa artista, educadora e pesquisadora.

Quem sabe colocar-me diante tantas questões me faça reconhecer-me no meio dos caminhos que pretendo traçar. Acredito que o tempo poderá me mostrar alguns caminhos enquanto eu estiver atuando com essas ferramentas. Assim eu sigo criando casos e esperando a “hora da razão” ou a “hora do coração” me mostrar um bom caminho.

Senti a vontade de apresentar um trecho do livro “O conto da ilha desconhecida” de José Saramago no qual ele reflete sobre questões do autoconhecimento. Separei o trecho pois se relaciona com meus embates e tocou meus sentimentos sobre essa situação. Nesse trecho Saramago busca, nas entrelinhas, nos mostrar que, nas diversas buscas que temos pelas ilhas desconhecidas em nossa vida, talvez devemos antes encarar o fato de que também somos ilhas, e como o autor reitera é preciso sair um pouco delas para podermos ter uma melhor visão do que elas realmente são.

Podíamos ficar a viver aqui, eu oferecia-me para lavar os barcos que vêm à doca, e tu, E eu, Tens com certeza um mestre, um ofício, uma profissão, como agora se diz, Tenho, tive, terei se for preciso, mas preciso quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és, O filósofo do rei, quando não tinha o que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passajar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas, Que é necessário sair da ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer (SARAMAGO, 1998, p.40-41)

Deste modo, a narrativa que construo abaixo se firma na possibilidade de mostrar os percursos e caminhos percorridos dentro da arte, do ensino, e da pesquisa, especialmente durante a graduação, mas trazendo certas reminiscências as quais considero importantes. Não pretendo de antemão resolver os embates quanto ao fato de eu me considerar isso ou aquilo. É o momento em que paro de me concentrar na possibilidade de “encontrar a ilha desconhecida, [...] saber quem sou eu quando nela estiver”, para tentar visualizar melhor o trajeto que tracei durante a busca, assim poderei me visualizar melhor.

“Sempre fiz o que quis, como quis, onde quis, quando quis. Arte não foi feita para pedir permissão a nada” - Paulo Bruscky⁷

Desde que me entendo por gente tenho lembranças vívidas de pessoas criando coisas aqui, consertando coisas acolá. Essas criações, na maioria das vezes, relacionavam-se às necessidades político-econômicas, entretanto o caráter criativo nesse processo sempre me interessou.

Não sei se por conta de alguma influência externa, ou por questões de personalidade, eu sempre fui uma pessoa que observava bastante ao meu redor, quem sabe por ser retraído quando se trata de interações humanas.

Então, eu me fascinava por tudo aquilo que pudesse me transportar do “mundo real” e me fazer viajar pelo mundo da minha imaginação e das fantasias que eu criava. E assim eu dobrava um papel aqui, riscava uma superfície ali, empilhava objetos, etc.

Minha família, que considero a partir dos meus avós maternos, se estabeleceu em Goiânia alguns anos antes do meu nascimento. Grande parte dela buscava também criar maneiras de sobrevivência, já que o cenário nunca foi dos melhores.

Na grande cidade, há cidadãos de diversas ordens ou classes, desde o que, farto de recursos, pode utilizar a metrópole toda, até o que, por falta de meios, somente a utiliza parcialmente, como se fosse uma pequena cidade, uma cidade local. (SANTOS, 2007, p.140)

Através do pouco conhecimento que chegava para eles, todo esse conhecimento era direcionado em maneiras de sustento e eu fui crescendo em meio a isso tanto dentro de casa como fora dela.

Algumas das lembranças mais marcantes que eu carrego dessa época começam quando meus dois tios fabricavam bonequinhos em moldes de gesso para vender pela cidade, lembro também quando meu avô consertava aparelhos

⁷ BRUSCKY, Paulo. Entrevista. Select Art. Disponível em: <<https://www.select.art.br/paulo-bruscky-o-artista-que-escreve/>>. Acesso: 27 mar. 2021.

eletrônicos e eu brincava com as peças estragadas montando cidades imaginárias, minha tia que fazia bordados com pedrarias, ou meu tio que já pintava os bonequinhos de gesso começou pintar paredes e letreiros. Além disso, cresci na época onde as crianças ainda não se envolviam tanto com aparelhos digitais, portanto era outra a dinâmica das brincadeiras, envolvia esforço criativo como, por exemplo: fazer pipas, piões de madeira, tabuleiros, baralhos desenhados, desenhos no chão (amarelinhas, labirintos) etc.

Essas experiências me levaram a construir uma ideia de criatividade que rompia as barreiras da minha realidade. Como reitera Santos (2007, p. 137)

Há, porém, um outro cotidiano, aquele pelo qual o homem redescobre a consciência e busca ampliá-la. Esse cotidiano não se defende apenas pela letra de uma Constituição federal, mas igualmente (e mais frequentemente) pelas regras da convivência no lugar mesmo em que se vive. Essa consciência do homem, que faz dele um verdadeiro cidadão ou nele alimenta a vontade de sê-lo, também faz parte dos desígnios fundamentais e do longo prazo, porque diz respeito à própria essência humana.

Não considero minhas experiências escolares com arte serem formadoras de um espectro artístico ou uma poética visual, pois como já disse em algum momento anteriormente, minha formação básica quanto à arte não passou de poucas experiências que não chegaram a marcar nem um pouco minha trajetória.

Quando eu chego à universidade tenho contato com outra realidade, nesse momento a perspectiva passa a ser outra. Nessa situação encontrei pessoas com outras maneiras de pensar, possibilidades e ambições com que eu não era tão habituado. Pude conhecer o conhecimento de uma diversidade de pensadores tanto dentro da área que escolhi como em outras áreas, já que a universidade é um campo aberto de possibilidades. Foi o que me propôs transformar a minha maneira de ver o mundo.

Toda essa bagagem aliada aos meus interesses pela ferramenta da arte, digo ferramenta não pelo fato de ser algo que me remete ao ferro ou algo que seja grosseiro. Muito pelo contrário, trato-a como ferramenta por ter enxergado nela uma possibilidade transigente, assim como a ideia de ferramentas que apresentei acima, as ferramentas que são usadas pela classe trabalhadora, moldáveis às necessidades de cada pessoa. Como discute Roberta Shapiro (2007, p. 137) “A arte

não é somente um *corpus* de objetos definidos por instituições e disciplinas consagradas, mas também o resultado desses processos sociais, datados e situados.” Enxergar tal potencialidade fez-me iniciar a pensar numa maneira diferente de produzir objetos e sentidos, de dar sentido ao trabalho. Tenho então a possibilidade de construir novos cenários de atuação em meio às minhas buscas de formação humana e profissional.

Entretanto, continuarei apresentando minhas vivências durante a graduação, onde tive a oportunidade de me envolver com várias experiências relacionadas à arte, da produção à participação, e que me fizeram pensar e construir uma imagem do ser artista. Acredito não ser necessário apresentar aqui todas as minhas experiências durante esse período, ou que seja possível, visto que não tenho registro de todas, então fiz um recorte de imagens que ilustram as experiências, sobretudo enfatizando minhas aspirações sobre o ser artista dentro de uma perspectiva subjetiva, pensando também que existem vários fatores na sociedade para que possa considerar uma produção legitimamente arte, isso se pensarmos os diversos circuitos e sistemas. Assim, a exposição feita aqui às vezes segue uma ordem cronológica, ora não, pois que acredito que a artificação, “o processo pelo qual os atores sociais passam a considerar como arte um objeto ou uma atividade que eles, anteriormente, não consideravam como tal” (SHAPIRO, 2007, p. 137), acontece num processo que não se apoia estritamente a cronologia. “Então o que é artificação? Nós entendemos a artificação como um processo de processos.” (SHAPIRO, 2013, p. 18).

Buscarei ser breve para não tornar a leitura cansativa.



Figura 10. Matheus Martins, Esperança, 2016. Acrílica e nanquim sobre tela. 10 x 10 cm. Acervo pessoal.

Essa imagem representa para mim o início de tudo. Essa tela eu pintei para participar da exposição “Pontos de Fuga” que aconteceu em 2016, ano em que eu ainda não fazia parte do curso de Artes Visuais, Licenciatura. A mostra foi idealizada e organizada por alguns professores e estudantes do curso de bacharelado em Direção de Arte da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC-UFG), do qual eu fazia parte até então.

A exposição partiu da ideia de mostrar um pouco da produção discente de um curso novo, mas que já apresentava um enorme potencial criativo. A “Pontos de Fuga” e essa pequena pintura de 10x10 cm, marcam a minha primeira experiência com arte em um espaço institucional já que faz parte de um projeto pensado dentro da UFG e que foi desenvolvido na Vila Cultural Cora Coralina em Goiânia. Essa experiência me aproximou ainda mais do curso de licenciatura em artes visuais, pois tratou de aspectos que dizem respeito às artes visuais, bem como de questões pedagógicas. Participamos de forma horizontal do início ao fim do processo.

Logo após essa experiência, que durou de 25/11/2016 a 20/12/2016, me inscrevi no processo de transferência para licenciatura em artes visuais da FAV-UFG onde ingressei no começo de 2017.

Já na licenciatura destaco em primeiro momento a minha participação em algumas aulas do “Eixo de Produção e Criação Artístico-Visual (PCA)” (FAV, 2014) previstas no projeto pedagógico do curso. Julgo as experiências dessas aulas como fator importantíssimo para que eu pudesse percorrer outros caminhos tanto dentro como fora da academia. Mais especificamente, são elas:

Primeiro período.

Introdução ao Desenho

Estudo do desenho a partir das noções de objeto, tempo e espaço, identificando e contextualizando conceitos, funções, seus elementos básicos e modos de representação. Experimentação de materiais, técnicas e processos.

Introdução à Produção Tridimensional

Elementos formais de formas bi e tridimensionais. Semântica dos materiais em seus processos de construção. Experimentação de processos criativos, em duas e três dimensões, com referências da escultura clássica às rupturas modernistas e ao campo expandido da escultura contemporânea.

Segundo período.

Desenho

Exercícios de traço: representação gráfica pelo desenho de observação e de memória. Técnicas de desenho em materiais e formatos diversos. Arte e desenho.

Formas Expressivas do Bi e Tridimensional

Forma e expressão. Caracterização e expressão nos planos bi e tridimensional. Materiais e técnicas expressivas. Pensamento visual e espacial.

Terceiro período.

Fotografia

História da fotografia. Conceitos, estilos, técnicas e tecnologias. Linguagem e técnica fotográfica convencional (película) e digital. Linguagem e técnicas alternativas como: a pin-hole, fotogramas, cartemas, máscaras de ampliação, softwares de manipulação de imagens, entre outras.

Gravura

Processos de gravura e contextualizações. Técnicas tradicionais e contemporâneas de maneira crítica e explora os limites da técnica por meio de novos recursos gráficos e/ou plásticos visando resultados poéticos, singulares e/ou coletivos.

Quarto período.

Pintura

Prática e pensamento sobre pintura, tomando como referência condições históricas e contemporâneas. Linguagem visual pictórica. Construção de soluções plásticas a partir do entendimento da pintura como forma de sensação e pensamento.

Participei ainda da disciplina de Núcleo Livre⁸ denominada “Oficina dos fios” onde tive contato com a técnica têxtil pela qual já apresentava interesse. Seguindo por esse eixo temático ainda teríamos duas disciplinas, as de Laboratório de Produção Artística 1 e 2, porém como venho de uma transferência de curso, fiz o aproveitamento das mesmas, já que havia cursado disciplinas semelhantes.

Laboratório de Produção Artística

Discussão e experimentação das práticas contemporâneas de produção artística. Pesquisa poética e desenvolvimento de conteúdos em diálogo com a construção de conhecimento sensível, produção de sentido, subjetividade, alteridade e ação em rede.

Laboratório de Produção Artística 2

Elaboração e experimentação de processos de criação. Produção de narrativas visuais e jogos poéticos integrados às práticas contemporâneas de produção artística. (FAV, 2014)

⁸ Disciplinas que podemos escolher, em qualquer unidade acadêmica dentro da Universidade, a partir dos nossos interesses pessoais.

Minha participação nessas disciplinas fez com que eu começasse a pensar numa ideia de criação em que eu pudesse trazer para meio desse processo um pouco de cada aprendizado construído nas disciplinas, passei a construir uma metodologia e criar alguns objetos que me fizeram participar de algumas exposições e projetos relacionados ao universo artístico-cultural. Ao pensar e reunir imagens apresentadas na sequência consigo evidenciar que a minha relação com a construção de uma poética artística, do eu artista, por mais que não se limite a este fato, está em sua grande maioria ligada às relações institucionais:

Objetos construídos



Figura 11. Matheus Martins, Aquilo que nos benze. 2017. Bordado sobre camisa da seleção brasileira de futebol. Dimensões variáveis.

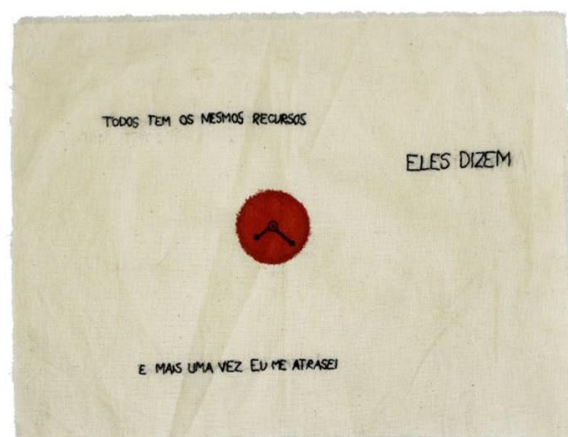


Figura 12. Matheus Martins, Tempo. 2017. Bordado e acrílica sobre algodão cru. 25x32cm.

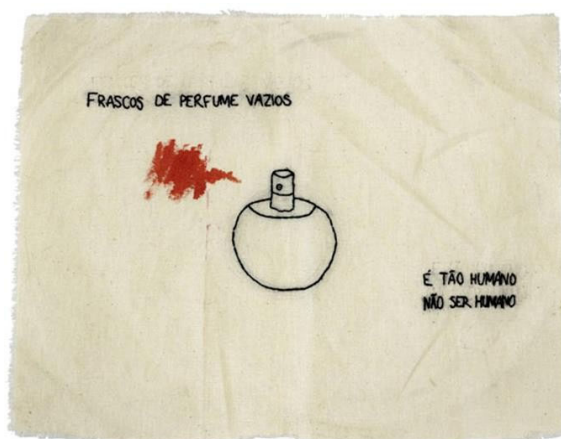


Figura 13. Matheus Martins, Perfume. 2017. Bordado e acrílica sobre algodão cru. 25x32cm.



Figura 14. Matheus Martins, Preferências, prioridades. 2017. Bordado e acrílica sobre algodão cru. 25x32cm.



Figura 15. Matheus Martins, Morte à paisana. 2018. Bordado sobre fronha. 59x78cm.



Figura 16. Matheus Martins, Imagens da série Vazio no espaço-tempo: Partida e Espera. 2018. Fotografia impressa. 21x29,7 e 29,7x21 cm.



Figura 17. Matheus Martins, Licor e pinga com raiz. 2018. Acrílica sobre tela. 30x30cm.

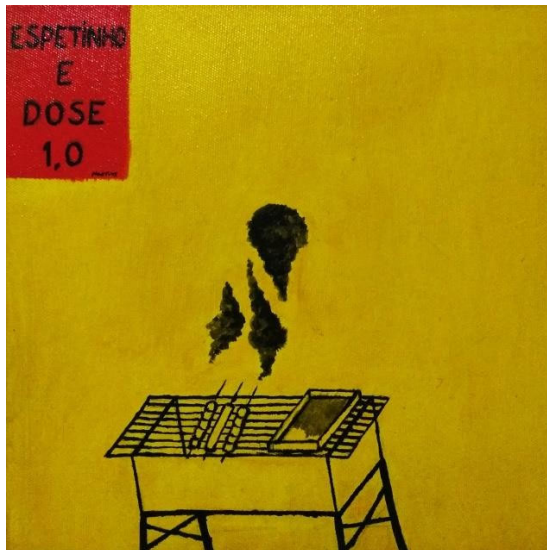


Figura 18. Matheus Martins, Espetinho e dose. 2018. Acrílica sobre tela. 30x30cm.



Figura 19. Matheus Martins, Feijoada sexta. 2018. Acrílica sobre tela. 30x30cm.



Figura 20. Intervenção urbana lambe-lambe. Centro de Goiânia, 2019.



Figura 21. Intervenção urbana estêncil com o artista Renan Accioly. Centro de Goiânia, 2019.



Figura 22. Participação na criação e elaboração da performance "Divisor" em homenagem a artista Lygia Pape. Congresso Nacional da UNE, Brasília, 2019.



Figura 23. Matheus Martins, Do veneno à cura. 2019. Madeira, acrílica, garrafas, adesivos, rolas, aguardente curtida em compostos naturais variados. Dimensões variáveis.



Figura 24. Matheus Martins, Sem permissão para descanso. 2019. Madeira, acrílica, fita zebra, algodão cru, bordado e pregos. 20x17cm.



Figura 25. Matheus Martins, Me disseram que o segredo é estar bem vestido. 2019. Placas de poliestireno, adesivos, algodão cru, bordado e bastidor. 47x47cm.

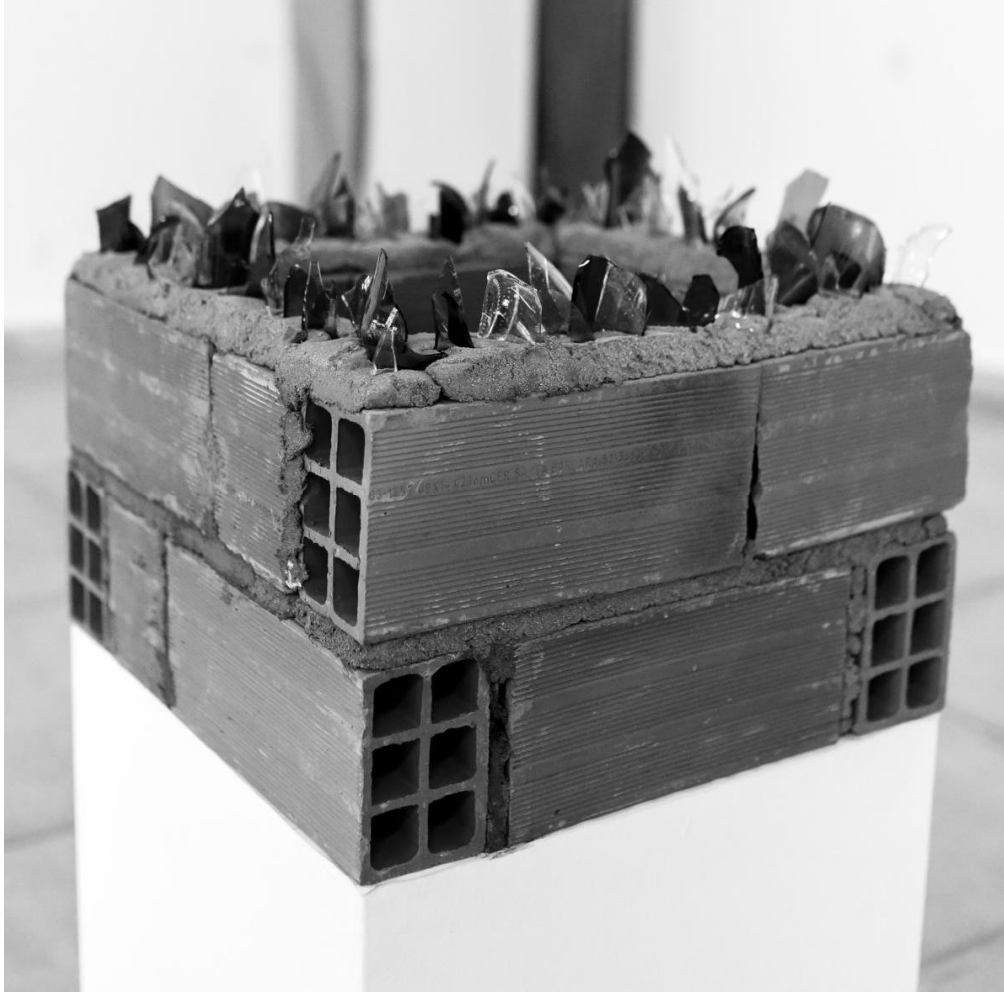


Figura 26. Matheus Martins, Ergui fortaleza para pequenas fortunas. 2019. Tijolo de barro, massa de cimento e cacos de vidro. 45x50x50cm.



Figura 27. Matheus Martins, Díptico. E por mais que eu dê o sangue (decompor). 2019. Bandeira do Brasil, bordado, madeira e acrílica. 64x160cm.

Participações em eventos

Alguns dos objetos apresentados me proporcionaram a participação em eventos no campo da cultura, cito abaixo em ordem cronológica aqueles que considero possuir maior peso em meu processo de formação:

O primeiro é a exposição “Pontos de Fuga” que contou com a organização do professor Vinicius Figueiredo e aconteceu na Vila Cultural Cora Coralina. Goiânia. 2016.

TUDO NOSSO, uma exposição laboratorial com produções da disciplina de Formas expressivas do Bi e Tridimensional. Organizada pela professora Eliane Chaud, no EXPOLAB. Faculdade de Artes Visuais (FAV), Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia-GO. 2017.

M.O.T.I.M, com concepção da professora Patrícia Osses em parceria com estudantes dos diversos cursos da FAV e que aconteceu na própria FAV em 2017. Essa experiência me marca profundamente por ter sido um levante que trouxe à tona questões a respeito do pertencimento nos espaços públicos.

Em sequência, L O T E A M E N T O, exposição que foi organizada pelo professor Glayson Arcanjo na Galeria da FAV em 2018 e seguiu a ideia de pensar o uso, sobretudo pelo corpo discente, dos espaços públicos da FAV.

Muros e saltos em 2018, fora dos muros da universidade, entretanto recebi o convite de colegas de curso que conheceram minha produção dentro da FAV. Aconteceu na Casa Liberté. Goiânia.

Oficina e performance em homenagem à obra Divisor da artista Lygia Pape: Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes (UNE). Brasília. 2019. O desdobramento dessa experiência aconteceu a partir da onda de protestos em defesa da educação e contra as medidas de sucateamento previstas pelo governo federal entre 2018 e 2019.

Residência/ Exposição CANTEIRO organizada pela Artera Galeria em parceria com a Vila Cultural Cora Coralina em Goiânia. 2019. Última experiência concluída da qual eu participei.

E por fim, a Residência Artística Ateliê Livre organizada pelo artista Luiz Mauro. Essa experiência vem acontecendo, apesar dos percalços, na Escola de Artes Visuais (EAV), no Parthenon Center. Goiânia. De 2020 até o presente momento.

Partindo do pressuposto que a minha formação se apoia em três eixos temáticos, creio que após a apresentação dessas informações eu consigo ilustrar a primeira parte do meu trajeto formativo. Portanto, avanço para tratar das indagações do meu eu educador.

"Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra." - Anísio Teixeira⁹

Pensando a partir da frase do educador Anísio Teixeira acredito assim como ele que educação é autenticamente vida. Penso ainda, considerando a vida e o processo educativo imbricado a ela e que seria impossível educação sem vida, o primeiro momento que temos contato com a educação é o instante em que abrimos nossos olhos assim que nascemos. Sendo assim, o contato que tenho com a educação se deu desde o momento do meu nascimento até o presente momento e continuará até o instante de minha morte. Por outro lado, o que desejo nesta etapa é evidenciar a forma com que eu enxergo meu processo de construção como educador.

Não tive em minhas aspirações infantis aquele desejo utópico de ser um professor assim como esperava, naquela época, vir a me tornar astronauta, cientista ou jogador de futebol. Nunca me debrucei sobre essa possibilidade ou sequer pensei nela, então não poderia dizer que minha construção da imagem de educador perpassa pela minha essência.

Já na adolescência, momento em que tomamos algumas decisões importantes que marcam toda nossa trajetória, ainda não cogitava a possibilidade de me tornar um educador, ao invés disso, naquele cenário de escola pública (toda a

⁹ TEIXEIRA, Anísio. Revista Darcy. Disponível em: <<http://www.revistadarcy.unb.br/uma-vida-de-luta-pela-educacao-publica-universal-e-gratuita>>. Acesso: 27 mar. 2021.

minha formação escolar se deu em instituições públicas) eu tinha bastante receio de me tornar um professor e lidar com os vários problemas ali presenciados, problemas dos quais muitos eu nem sabia de onde vinham ou porque aconteciam.

Conseqüentemente, passo a considerar o marco inicial da minha formação como educador, a entrada no curso de licenciatura em artes visuais, momento o qual eu comecei a me interessar verdadeiramente pela possibilidade de mediar o conhecimento. O meu embarque nessa aventura me proporcionou inclusive me apaixonar por esse caminho/profissão/ideologia, mesmo descobrindo mais a fundo as dificuldades a enfrentar.

Dentro da matriz curricular do curso destaco o “Eixo de Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação (FSP)” (FAV, 2014). Poderia, eventualmente, destacar todos os quatro eixos apresentados no projeto pedagógico, pois as disciplinas do curso no geral estão relacionadas com a atuação docente quando tratamos de uma formação em licenciatura. Entretanto, as disciplinas parte do eixo FSP tem mais proximidade com a intenção de formar docentes em sua essencialidade. São elas:

Fundamentos da Arte na Educação

Princípios e funções dos fundamentos da arte na educação contemporânea, abordando as relações entre arte, experiência estética e escolarização. Análise de concepções sobre criatividade, expressão artística e aprendizagem, bem como especificidades do perfil do profissional do ensino de arte e suas problematizações.

Pedagogias de fronteira

Abordagens pós-estruturalistas no processo de ensinar e aprender no campo de visualidades contemporâneas. Teoria queer, epistemologias subalternas, e outras orientações que problematizam as relações de poder e as normatividades nos processos educativos.

Metodologias do Ensino de Arte

Relações entre metodologia, conteúdo e prática de ensino. O método como parte do processo de planejamento do ensino de arte. Análise de abordagens metodológicas para o ensino de artes visuais.

História do Ensino das Artes Visuais no Brasil

Desenvolvimento do Ensino das Artes Visuais no Brasil: concepções e a prática de ensino nos séculos XIX ao XXI. Paradigmas educacionais e arte.

Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação

Referências para a compreensão da educação como processo social. Contexto da educação brasileira na experiência histórica do ocidente. Movimentos educacionais e a luta pelo ensino público no

Brasil. Relações entre a esfera pública e privada e os movimentos da educação popular.

Estudos Culturais e Ensino de Arte

Significados do termo 'cultura'. Aproximações entre Estudos Culturais e o Ensino de Arte. Relações de poder, identidade, pedagogias culturais na pós-modernidade, raça, gênero e etnia.

Estudos Críticos e Educação

Perspectivas teóricas centradas nos questionamentos de formas de conhecimento, dominação e poder. Análise dos mecanismos pelos quais a sociedade capitalista contemporânea amplia suas formas de dominação política e ideológica, sobretudo nos processos educativos. Noções de emancipação e suas problematizações.

Políticas Educacionais do Brasil

Educação no contexto das transformações da sociedade contemporânea. Relações entre o Estado e as políticas educacionais, tendo em vista as políticas, a estrutura e a organização escolar no Brasil, com ênfase a partir da década de 1990. Regulamentação do sistema educacional e da educação básica. Políticas educacionais em debate.

Cultura, Currículo e Avaliação em Arte

Noções de escola, currículo, planejamento, cultura do cotidiano, disciplinaridades. Tipos de currículo. Políticas e sistemas de avaliação. Currículo e poder.

Psicologia da Educação I

Introdução ao estudo da Psicologia: fundamentos históricos e epistemológicos. Relações entre Psicologia e Educação. Estudo das abordagens teóricas comportamental e psicanalítica, suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor, e implicações no processo de ensino e aprendizagem.

Psicologia da Educação II

Estudo da psicologia genética de Piaget, da psicologia sócio-histórica de Vygotsky, suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem.

Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico

Trabalho na sociedade industrial capitalista, seus aspectos históricos, modos e relações de produção. Escola no contexto da sociedade industrial capitalista: organização, gestão dos processos educativos, o trabalho docente. Gestão escolar democrática nas políticas educacionais, com foco nas concepções de gestão e na organização da escola. Escola como cultura organizacional, a partir do projeto político-pedagógico coletivo e do trabalho do professor.

Introdução à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

Introdução às práticas de compreensão e produção em LIBRAS através do uso de estruturas e funções comunicativas elementares. Apresentação das concepções e das implicações sociais sobre a Língua de Sinais.

Essas disciplinas e os caminhos que elas me propuseram trilhar, tanto dentro do eixo FSP e da universidade bem como fora do eixo FSP e da universidade, representam neste caso e até o atual momento meu processo de formação docente, da construção do eu educador.

Como enxergo a educação como vida, acredito que a experiência dentro da graduação, ao passar a imaginar-me como um educador ou futuro educador, auxiliou repensar minhas relações interpessoais, visto que lido com situações cotidianas dentro do meu convívio familiar, por exemplo, que me dão a oportunidade de usar dos subsídios os quais o contato com a pedagogia através das visualidades conseguiram me proporcionar durante essa construção de perfil.

"Que bússolas podem sinalizar a experiência sensível fora dos protocolos do sistema da arte?" - Alice Fátima Martins¹⁰

Reconheço para além de um simplório contato com a ciência, a experiência que tive com a pesquisa. Considero ser uma experiência sensível, pois nesse momento eu pude aliar todos os conhecimentos que adquiri durante o tempo, assim a pesquisa passou a ser uma aliada para que eu pudesse experimentar a sensibilidade de várias maneiras em vários espaços, seja ela dentro dos assuntos relacionados à educação, a arte tal como na vida. Transformou-me num indivíduo que tem sede por questões e descobertas e que reconhece a volatilidade do mundo.

Por esse motivo, trago para darmos início a essa fase do texto, um trecho, ou melhor, uma questão escrita pela artista, professora e pesquisadora Alice Fátima Martins que ainda é minha orientadora há pouco mais de dois anos. No trecho ela se pergunta a partir do ponto de vista do que é posto pelo sistema da arte e considera a partir da estética relacional (Bourriaud, 2011) que a experiência sensível "está na relação entre as pessoas com os espaços propostos." (MARTINS, Alice F., 2018, p. 16) Passo, dentro do meu processo formativo, a considerar o meu contato com a

¹⁰ MARTINS, Alice Fátima. Exercícios para uma poética da solidariedade. Revista Apotheke, v. 4, n. 2, 2018. p. 16.

pesquisa, um espaço onde acontecem relações de pessoas, de conhecimentos, de objetos, de sentimentos, de conceitos etc.

No currículo do curso de Licenciatura em Artes Visuais, toda disciplina prevê a pesquisa em suas ementas, a própria universidade carrega desde que foi criada a imagem de ser o ponto de encontro de pesquisadores e fazedores de ciência. Então, a construção do eu pesquisador parte de um espectro invisível, digamos assim, pois a minha estadia dentro da universidade me propõe certas especificidades comuns. Destaco o “Eixo De Pesquisa, Estágio E Prática Pedagógica Em Artes Visuais (PEP)” (FAV, 2014) dentro da matriz curricular onde se encontram as disciplinas que tratam especificamente da pesquisa de cunho teórico-prática:

Introdução ao Trabalho de Investigação

Metodologia de pesquisa: fases e procedimentos metodológicos. Métodos e técnicas de pesquisa. Coleta e tratamento de dados. Análise e elaboração de resultados. Pesquisa em Arte.

Pesquisa em Ensino de Arte e Cultura Visual

Noções de pesquisa. Enfoques e/ou métodos de investigação e sua relação com as artes visuais. Discussões das relações entre tema, objetivos e metodologia na pesquisa na elaboração e desenvolvimento de projetos de investigação.

Estágio Supervisionado I

Acompanhamento de práticas educativas das Artes Visuais no contexto educacional local. Definição de objetivos, características e procedimentos de observação para descrição, análise e experimentação de práticas de ensino e processos de aprendizagem em arte em contextos educacionais formais ou não-formais.

Estágio Supervisionado II

Análise de práticas educativas das Artes Visuais no contexto educacional da região local. Planejamento, elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos de ensino e aprendizagem em Artes Visuais em diferentes níveis: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, EJA/EAJA integrando as modalidades de ensino presencial e a distância. Experimentação da prática pedagógica em instituição escolar e/ou espaços educativos não formais.

Estágio Supervisionado III

Investigação etnográfica em diálogo com as dinâmicas da escola e outros contextos educativos. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos educacionais em artes visuais. Estudos e reflexões sobre a construção da subjetividade docente.

Estágio Supervisionado IV

Apresentação e estudos transdisciplinares em diálogo com o planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos

educacionais em artes visuais. Discussão sobre as problematizações e contribuições do estágio supervisionado na formação do sujeito docente. Reflexões sobre memória, política e responsabilidade social no exercício da prática educativa.

Organização do Trabalho Intelectual

Caracterização e organização do trabalho intelectual. Sistematização de leitura e elaboração de resenhas, resumos e fichamentos. Gêneros textuais e documentação na pesquisa e em arte.

Trabalho de Conclusão de Curso I

Orientação, acompanhamento, planejamento e elaboração de trabalho monográfico ou artístico-pedagógico a ser apresentado no final do curso.

Trabalho de Conclusão de Curso II

Orientação, acompanhamento, planejamento e elaboração de trabalho monográfico ou artístico-pedagógico a ser apresentado no final do curso.

Além de cursar tais disciplinas específicas, tive a oportunidade de participar durante dois anos do Programa de Iniciação à Pesquisa (PIP-UFG), espaço em que se iniciou minha relação de orientação com a professora Alice Fátima Martins, hoje orientadora do meu TCC. Durante esse processo desenvolvi alguns trabalhos no âmbito institucional, mas que me ajudaram a pensar a pesquisa no campo expandido.

Sobre os trabalhos que desenvolvi:

A primeira experiência com o PIP foi com o plano de trabalho “Relações entre práticas cineclubistas e o campo das artes visuais”, no período de 1º de agosto de 2018 a 31 de julho de 2019. O plano previu

“[...] organizar um espaço no qual estudantes de graduação e pós-graduação, ligados ou não ao campo das artes visuais, possam assistir, refletir e discutir sobre filmes diversos que estabeleçam diálogos com as artes visuais e a própria Faculdade de Artes Visuais (FAV). Esse espaço, inspirado em práticas cineclubistas, tem em vista o exercício de aproximação do cinema ao campo artístico das artes visuais.” (DA SILVA, M. M., 2018)

No decorrer do projeto publiquei um artigo intitulado “Narrativas digitais contemporâneas, arte e engajamento social” na Mesa 12 - Novas Narrativas, no 1º Congresso Ibero-americano Sobre Ecologia Dos Meios, realizado entre os dias 01 a 30 de abril de 2019 pela *MEIstudies*. Por fim apresentei os resultados da pesquisa “Relações entre práticas cineclubistas e o campo das artes visuais”, na forma de

pôster, no 16º Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (CONPEEX), promovido pela Universidade Federal de Goiás, realizado de 16 a 23 de outubro de 2019.

O segundo plano de trabalho “Narrativas contemporâneas: plataformas de streaming e jogos digitais” foi desenvolvido no período de 17 de julho de 2019 a 30 de setembro de 2020. Deu-se a partir do interesse no “estudo das relações entre cinema e arte visuais e as possíveis narrativas advindas da linguagem do cinema na contemporaneidade, propondo o exercício de aproximação do cinema ao campo artístico das artes visuais” (DA SILVA, M. M., 2019). Durante o desenvolvimento do plano de pesquisa pude novamente publicar um artigo, neste embarquei na proposta da minha colega de iniciação científica Bárbara Stela Oliveira que contou também com a coorientação do professor Bruno Araújo, o trabalho intitulado “Presença feminina nos games online: visualidades, papéis e outras questões” participou na Mesa 7 - Arte, Gamificação e Narrativas Complexas, do 2º Congresso Ibero-americano Sobre Ecologia Dos Meios - mulher e gênero no ecossistema midiático, realizado entre os dias 01 a 30 de abril de 2020. Como é do protocolo do PIP apresentei os resultados da pesquisa “Narrativas contemporâneas: plataformas de streaming e jogos digitais” no Seminário de Iniciação à Pesquisa Científica, Tecnológica e em Inovação da Universidade Federal de Goiás (XXVIII Seminário IC, X Seminário IDTI), realizado no período de 21 a 23 de outubro de 2020, desta vez além da orientação da professora Alice Fátima Martins contei com a coorientação da professora Noeli Batista Dos Santos.

Esse processo dentro da iniciação científica foi muito importante na minha formação, pois me fez enxergar o potencial da pesquisa dentro da academia, mas também o potencial da pesquisa em si, e que eu posso usar desse potencial para o que eu pretendo fazer dentro da arte, da educação e até mesmo da minha vida social. Pesquisa essa que me acende o interesse de rever meu percurso, o interesse de pensar os objetos que construo e considero artísticos, de pensar e repensar sempre a atuação docente.

3.2. O que posso com esses três instrumentos? Artografia e subversões.

Historicamente a arte, a educação e a pesquisa na sociedade apresentam uma relação dialógica, ou seja, os acontecimentos que recaem sobre esses três campos refletem diretamente no modo com que as pessoas passam a se organizar em sociedade e vice-versa. Em meio a esta relação existem também algumas disputas de discurso e poder em meio às complexas problemáticas político-sociais que envolvem a sociedade contemporânea no geral. E passa por essas disputas o fato de que arte, ensino e pesquisa passam a sofrer desmontes e descasos. Entretanto, existem ainda pessoas que creem no potencial transformador desses três pilares e encaram o desafio de garantir melhorias, ou melhor, garantir o básico, para a melhoria do convívio social.

Conforme salienta Freire (2020)

Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatória, à base de exploração econômica do grande domínio, em que o 'poder do senhor' se alonga 'das terras às gentes também' e do trabalho escravo inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro (FREIRE, 1967, p. 90-91).

Partindo da busca por transformações de concepções, na qual eu também acredito, e por uma necessidade de reivindicar os direitos básicos dentro de uma sociedade que por vezes se propõe cumprir também com seus deveres. Além da educação, busco em sequência mostrar autores que tratam dessas solicitações relacionadas aos campos da arte e da pesquisa no Brasil, em especial, aos que lutam por melhorias nesses campos. Visto que a intenção é relatar meu processo de formação a partir desses três eixos que integram, para além dos meus interesses pessoais, o currículo do curso.

Como, por exemplo, Fischer (2007) que alerta quanto ao fato de estarmos:

Num momento quando se torna fundamental assumir que não estamos passando à margem dos problemas sociais, econômicos, educacionais, culturais, filosóficos. Desta forma, trata-se de assumir que não estamos passando à margem das possibilidades de ir além do senso comum, e produzir em nós e por nós formas de existência para bem mais do que nos propõem as lógicas dominantes. (FISCHER, 2007. p. 50-1)

Neste momento, a autora nos chama atenção para ponderar o porquê de fazer pesquisa em nosso país, fugindo de continuar perpetuando padrões pautados em benefícios pessoais, procurando a todo o momento romper a bolha invisível que nos cerca. Um apelo para pesquisadores, acredito que não apenas para jovens pesquisadores como é sinalizado no título do texto de Fischer, mas para toda a classe pesquisadora carente de exercitar a empatia.

Enxergo nas palavras de Fischer uma revisão enquanto também pesquisadora e que se viu voltada a pesquisar temas que atingem grosso modo, apenas a bolha acadêmica na qual ela está inserida e por mais que esse texto em específico não venha alcançar outras camadas sociais, chama a atenção para os novos pesquisadores estarem atentos a essas questões. Precisamos romper as fronteiras que se foram construindo entre academia e sociedade.

Ou Coli (1995) que nos diz que “[...] quem se interessa pelas artes no Brasil continua sendo um fruto bizarro e teimoso. Assim, somos obrigados a um grande esforço, mergulhados que estamos num meio indiferente, ou mesmo hostil.” (COLI, 1995, p. 126) Que nos faz refletir sobre como ainda estamos presos a concepções antiquadas em relação ao tratamento dado ao campo cultural e artístico, já que o texto escrito anos atrás ainda tem a capacidade de ilustrar muito da situação em que vivemos hoje enquanto investimentos governamentais ou até mesmo aceitação da arte pela sociedade.

Aprofundando nessas questões que tocam a ideia utópica de mudança, porém poética e emblemática que a arte de alguma forma também carrega, busco também apresentar algumas ideias dos estudos da cultura visual onde, “[...] existe uma pedagogia cultural de Fronteira de visualidades, uma pedagogia da diferença e dissidência porque se situa no espaço entre, no qual as coisas não são umas ou outras, mas umas e outras.” (FERNANDEZ; DIAS, 2014, p. 101). Uso das possibilidades rizomáticas da cultura visual tanto para formular uma metodologia de trabalho quanto para pautar algumas discussões que permeiam o meu processo de formação que aqui se encontra em questão.

Tratando dos conceitos da *a/r/tografia* a intenção é fazer uso do guarda chuva o qual esse termo compõe e que é um dos interesses comuns em meu trabalho, no caso, a arte, a educação e a pesquisa.

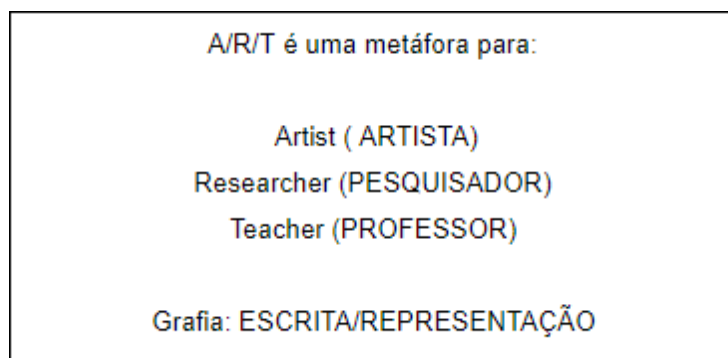


Figura 28. Tabela do significado de artografia. Referência em (DIAS, 2013, p. 25)

Porém, no caso desta pesquisa, não adoto a metodologia da artografia como principal, uso apenas alguns métodos e conceitos que vão fornecer subsídios para alcançar alguns objetivos, já que “a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização.” (DIAS, 2013, p. 25) E que:

Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem. Eles se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida. Linguagem das fronteiras da auto e etnografia e de gêneros. O artógrafo, o praticante da artografia, integra estes múltiplos e flexíveis papéis nas suas vidas profissionais. (DIAS, 2013, p. 25)

Aqui a proposta é também usar disso, porém com o que já foi feito e não com o que foi feito pensado exatamente para deflagrar uma ação artográfica, podemos visualizar dentro da pesquisa como uma intenção artográfica.

Mas ao usar e pensar a artografia nesse momento pretendo usá-la também em futuras experiências profissionais, já que enxergo nela potencial e possibilidades dentre o que eu passo a considerar relevante na minha formação partindo dos três eixos temáticos do curso de Licenciatura em Artes Visuais. A artografia me propõe buscar o poder transformador presente em cada área do meu interesse e aliar em ações que me fazem impulsionar meus interesses futuros, pois ao terminar o curso nesse contexto social frente a inúmeras dificuldades não vejo como uma tarefa fácil continuar acreditando na importância fundamental da minha atuação. “A a/r/tografia busca o sentido denso e intenso das coisas e estuda formatos alternativos para evocar ou provocar entendimentos e saberes cujos formatos tradicionais da pesquisa não podem ou conseguem possibilitar.” Completa Belidson Dias (2013, p. 25)

4. PELO DIREITO DE SONHAR

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! (ROSA J. G., 1994, p.448)

Chego ao fim de finalizar a graduação em Artes Visuais escrevendo um pouco de como foi meu percurso nesse caminho e fico pensando, em primeiro momento, sobre os conhecimentos construídos até aqui. Antes de ingressar no curso eu imaginava preconceituosamente que a minha trajetória seria marcada por decorar conteúdos como, as técnicas necessárias para se tornar um artista, toda a História da Arte, grandes artistas e suas grandes obras, para que eu pudesse, quando graduado, usar em minhas aulas. Mas ao contrário do que eu esperava, no decorrer desse processo, percebi que o conhecimento que se propõe construir em Licenciatura em Artes Visuais vai muito além das memorizações de conteúdos pragmáticos e não se restringe a aperfeiçoamentos técnicos pessoais para então repassá-los adiante. Fui descobrindo aos poucos que tanto a arte, a educação, bem como a pesquisa, que conheci melhor durante a travessia, tem um potencial gigantesco dentro de seus respectivos espaços de atuação, mas dentro de toda a complexidade que caracteriza a nossa sociedade. Um aspecto interessante quanto a isso é eu resolver falar de trânsitos, do percurso. Isso me faz atentar para o que eu já fui e me mostra as inúmeras possibilidades dentro da fluidez que é a vida e que foi fluida também dentro do meu processo de formação. “Por isso, também, é que o momento do trânsito pertence muito mais ao amanhã, ao novo tempo que anuncia, do que ao velho. E que ele tem algo nele que não é dele, enquanto não pode ser do amanhã.” Essa fala de Paulo Freire me faz enxergar que talvez um recuo, do qual me proponho fazer nessa pesquisa, pode ser um trânsito para trás que me impulsionará para o amanhã ou o “novo momento de trânsito, em que o homem se humanize cada vez mais.” (FREIRE, 1967, p. 48)

Como venho de origem humilde, e por questões pessoais acredito ser importante a mim afirmar isso (já que esse fato mostra que a face da universidade vem se transformando), assim como pude enxergar através da convivência construída, no perfil de vários de meus colegas de turma, cresci sem receber muitos dos conhecimentos que tivemos contato somente na universidade, esse trânsito é

ainda mais caro na minha história, pois a partir dele eu posso reconhecer desfalques e então reivindicar o que se diz público tocando na essência da palavra. Pois como diz Santos, reconhecer o que é público é (2007, p.157-158): “Mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna”. Entendendo também a importância dessa atitude, porque “[...] somente os oprimidos, libertando-se podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam.” (FREIRE, 1987, p. 43)

Ao interpretar a pesquisa como um “processo de criação” (COSTA, 2007, p. 148), e considerar esses processos multidisciplinares e rizomáticos que brotam também das artes e do ensino, pode se dizer que essa pesquisa de conclusão de curso dentro dos assuntos aqui tratados possa ainda ser considerada uma produção sensível, que busca ir além dos sistemas de arte e se preocupa com a experiência, não somente com um objeto ou fragmento material da construção, pois “[...] tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador.” (FREIRE, 1967, p. 109)

E já que

Encobrimento, negação e apagamento do outro, assimetria nas relações de poder: todas estas questões estão na base dos processos que conhecemos no tocante à produção de conhecimento, do pensamento científico. Dão sustentação, também, à formação e organização do mundo da arte, seus conceitos, critérios, dinâmicas, no contexto ocidental. (MARTINS A. F., 2018, p.12)

Digo também que esse texto se constrói na possibilidade de atingir o papel de ferramenta pedagógica visto que através da autobiografia a minha narrativa está presente dentro das discussões aqui apresentadas e tais discussões podem se transformar em novas metodologias e maneiras outras de ver os espaços de atuação dentro do meu processo formativo.

Sendo assim, e ciente das dificuldades de transformação que enfrentamos, caracterizada durante o intervalo em que se deu a minha formação e que já vinha acontecendo há tempos, gostaria de justificar como eu passei a crer na importância da arte, do ensino, e da pesquisa, esses trânsitos, aproximações e afastamentos em meio aos embates que buscam por mudanças na sociedade, esses me fizeram

enxergar que precisamos repensar nossas formas de olhar, bem como nossa forma de sentir o mundo. Mesmo que eu ainda não queira e nem sinta a necessidade de me justificar sendo uma coisa ou outra, deixo um convite para que possamos continuar sonhando. Com muita sabedoria e pés ao chão, mas sem deixarmos as utopias morrerem.

Isso não quer dizer que devemos permanecer estáticos esperando que tudo passe, mas entender a urgência que temos enquanto a mudanças. Especialmente dentro dos campos do conhecimento que resolvi focar nessa pesquisa (arte, ensino e pesquisa) que também são parte do currículo do curso de artes visuais que assim fazem parte da minha narrativa. Entretanto gostaria de expandir e tratar disso a partir da questão da sensibilidade. Sensibilidade que considero ter ligação com essas áreas a partir da intencionalidade de construção de sentidos e estabelecem relações na construção da sociedade. Busco me apoiar na ideia da “poética da solidariedade” que vem sendo pensada pela professora Alice Fátima Martins (2018, p. 23)

[...] como utopia compartilhada, como sentido de humanidade redimensionado pela poesia. Como resistência aos processos de colonização sem subalternidade. Seus descaminhos podem até transitar os territórios das coisas consideradas arte, mas não se ocupam demasiado delas. Sua ênfase recai, sobretudo, no grande círculo das coisas insignificantes consideradas não-arte, a partir das quais é possível tecer e recriar sentidos outros, nutrir afetos, estabelecer e restabelecer vínculos da vida em comunidade.

Essa ideia da solidariedade nos leva a refletir para além da arte, sobre como estamos em relação ao mundo.

Deste modo, a sensibilidade que perpassa por uma diversidade de assuntos também é pensada por outros autores, como por exemplo Ailton Krenak, que nos convida a pensar em “Ideias para adiar o fim do mundo”. O meu desejo, assim como o dele, é que possamos partir das nossas histórias, revisitá-las e recontá-las, mas estarmos cientes que somos parte de uma história muito maior e que envolve muitas outras.

Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõe. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral

até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. (KRENAK, 2019, p. 69)

Nele quero também reconhecer dentro da sensibilidade e da solidariedade, a ideia de sonho “não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia.” (KRENAK, 2019, p. 51-52) para que nesses sonhos possamos ver a necessidade de reconhecer a humanidade não como o ser humano rodeado de mercadorias e objetos para consumo, mas os rios, as montanhas, as florestas como nossos avôs, pais, tios, irmãos que são serem que compartilham a vida nesta casa comum que chamamos de Terra. (KRENAK, 2019, p. 47-48)

Não foi de minha intenção em nenhum momento buscar revelar respostas irrefutáveis acerca da relação entre Arte, Educação e Pesquisa dentro do meu processo formativo, muito menos mostrar como eu me formei e me tornei um profissional capacitado em qualquer um desses pontos. Busquei na verdade levantar experimentações de pensamentos e reflexões, a partir das possibilidades de considerar uma relação ou embate em interação, articulando com o percurso que fui construindo e que continuarei construindo nas imbricações entre a Arte, Educação e a Pesquisa, fatores ímpares que me aproximei durante a graduação. Esse encontro de conhecimentos e interesses se tornou o elo que une meus trajetos durante essa experiência, e que continuarei a me atentar pela dialética e potencialidade que encontrei em meio a todo processo. Por fim, reconheço que o texto se caracterizou como um evento experimental único, um desafio a mim mesmo a partir da experimentação. Ainda pretendo carregar comigo a ideia do devir no trajeto da vida. O devir de tudo que ainda não sei ou posso nunca saber, mas que estarei sempre tentando enxergar.

Não considero tudo acabado por aqui, mas por hora acredito que seja o bastante para finalizar mais uma etapa.

REFERÊNCIAS

- ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade—o que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 7-19.
- ANDRE, Marli. Etnografia da prática escolar. In: *O estudo de caso etnográfico*. 14 ed. São Paulo: Papirus, 2005, p. 42-47.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, p. 20-28, 2002.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002.
- CHAVES, Marcos. Vai passar. In.: *Museu de Arte do Rio*, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<http://museudeartedorio.org.br/noticias/criado-especialmente-para-o-mar-trabalho-inedito-de-marcos-chaves-traz-mensagem-de-alento-e-homenagem-ao-rio/>>. Acesso: 28 abr. 2021.
- Coli, Jorge. O que é arte. In: *Frequentação*. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. p. 115-129.
- DA SILVA, Matheus Martins. Plano de Trabalho: *Narrativas contemporâneas: plataformas de streaming e jogos digitais*. Goiânia: UFG, 2019.
- DA SILVA, Matheus Martins. Plano de Trabalho: *Relações entre práticas cineclubistas e o campo das artes visuais*. Goiânia: UFG, 2018.
- DE SOUZA, Elizeu Clementino. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão—narrar a vida. *Educação*, v. 34, n. 2, 2011.
- DIAS, Belidson. A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 21-26.
- FACULDADE DE ARTES VISUAIS. *Matriz Curricular 49LM2 Licenciatura em Artes Visuais*. Goiânia: UFG, 2014. Disponível em: <<https://www.fav.ufg.br/p/7979-artes-visuais-licenciatura>> . Acesso: 04 mar. 2021.
- FACULDADE DE ARTES VISUAIS. *Projeto Pedagógico do curso de Artes Visuais: Eixos Temáticos*. Goiânia: UFG, 2014. Disponível em: <<https://www.fav.ufg.br/p/7979-artes-visuais-licenciatura>> . Acesso: 04 mar. 2021.
- FERNÁNDEZ, T.; DIAS, B. Pedagogias culturais nas entre viradas: eventos visuais e artísticos. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). *Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Edufsm, 2014, pp. 101-137.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *Caminhos Investigativos II: Outros*

modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 49-69.

FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS. *Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*, [2021]. Disponível em: <<http://www.finep.gov.br/a-finep-externo/fndct/fndct>>. Acesso: 28 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 46ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GALEANO, E. H. *As veias abertas da América Latina*. trad.: Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Atlas SA, 2002.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 16a ed. São Paulo: Editora LTC, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. HERNANDEZ, F. (org.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora da UFSM, p. 31-49, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. ¿ De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual?. *Educación & Realidade*, v. 30, n. 2, 2005.

HORTA, Guilherme Tinoco de Lima. Regras fiscais no Brasil: uma análise da PEC 241. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, n.47, p. 259-308, jun. 2017.

KINCHELOE, Joe L. *A formação do professor com compromisso político: mapeando o pós-moderno*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1997.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Editora Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Alice Fátima. Arena aberta de combates, também alcunhada de cultura visual... – anotações para uma aula de metodologia de investigação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). *Culturas das imagens: desafios para a arte e para a educação*, Editora UFSM: Santa Maria, 2012.

MARTINS, Alice Fátima. Exercícios para uma poética da solidariedade. *Revista Apotheke*, v. 4, n. 2, 2018.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa Narrativa: Concepções, Práticas e Indagações. In: UFSM. Universidade Federal de Santa Maria. *Anais do II CEAC – Congresso de Educação, Arte e Cultura*. Santa Maria, 2009. p. 1-12.

MEIRELLES, Henrique. *PEC 241/2016 e o novo regime fiscal do Brasil*. Brasília, DF: Ministério da Fazenda. v. 28, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*, 2012. Disponível em: <<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/biografia>>. Acesso: 28 abr. 2021.

MIRZOEFF, Nicholas. *O direito a olhar*. Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, nov. 2016.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA (org.). *Pensar a Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 165-190.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo, SP: Edusp, 2007.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. 20 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA. *Lei de incentivo à cultura*, [2021]. Disponível em: <<http://leideincentivoacultura.cultura.gov.br/o-que-e/>>. Acesso: 28 abr 2021.

SHAPIRO, Roberta; HEINICH, Nathalie. Quando há artificação?. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 28, n. 1, p. 14-28, abr. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922013000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922013000100002>.

SHAPIRO, Roberta. Que é artificação?. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 22, n. 1, p. 135-151, jan/abr. 2007. Disponível em <<http://ojs.bce.unb.br/index.php/estado/article/view/3542/3099>>. Acesso em 06 Nov. 2019.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J. ; BARROS, A. (Orgs.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

TOURINHO, Irene. Metodologia(s) de pesquisa em arte-educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 63-70.